

4 A Bíblia digital

Desde a época de Rembrandt, colocava-se a questão se a Bíblia podia ser publicada em pequeno formato. A sacralização do texto, dizia-se, não podia resistir à indignidade do pequeno formato. Ela de fato resistiu à passagem do rolo ao codex, ao abandono do in-fólio e, sem dúvida, resistirá à passagem para o texto eletrônico. (CHARTIER, 1999, p.88)

E a Palavra⁶⁶ se fez dígitos. Se a paráfrase não for demasiado desrespeitosa, é sem dúvida válida. Pode parecer um exagero afirmar que a Bíblia digital seja já objeto comum no meio cristão, mais absurdo ainda seria dizer que ela disputa o espaço das versões impressas e que essas já podem tremer diante da ameaça de sua total substituição. É possível verificar, porém, que o Livro Sagrado a cada dia consolida mais o seu espaço no ambiente digital e, se ainda não compete com as versões impressas, já nasce com *status* de novidade e praticidade.

Nas vitrinas das mais diversas lojas evangélicas surge periodicamente uma nova edição da Bíblia em cd-rom. Enquanto no início dos anos 90, somente a Sociedade Bíblica do Brasil oferecia esse formato (SEIBERT, 2006b), que chegava ainda tímido, limitado e inacessível à maioria da população, hoje são seis editoras que publicam a Bíblia desta forma em dez edições distintas.

O acesso aos meios digitais tem aumentado progressivamente⁶⁷, assim como o uso da Internet. Por um lado, ainda que ocorra uma relação direta entre esse acesso e a condição financeira do usuário, as atuais políticas governamentais de inclusão digital e o barateamento dos produtos tecnológicos têm permitido cada vez mais à população menos favorecida o contato e a aquisição do computador pessoal. Por outro lado, novos movimentos doutrinários que têm caracterizado principalmente algumas correntes do protestantismo no Brasil começam a mudar não só o perfil, como também o comportamento do cristão brasileiro típico. Os movimentos carismáticos na Igreja Católica e o neopentecostalismo nas igrejas protestantes têm impulsionado os fiéis em direção a um tipo de crença onde a posse de bens materiais está diretamente relacionada à intensidade

⁶⁶ O termo com inicial maiúscula se refere à representação da voz ou mensagem de Deus. Aqui, a ambigüidade do termo é proposital.

⁶⁷ O IBGE constatou um aumento de 16,4% no número de residências com computador entre 2004 e 2005. A pesquisa demonstrou ainda que 13,7% dos computadores possuem acesso à Internet. (SPITZ, 2006)

da fé e às bênçãos divinas. Magali Cunha (2002, p.8) aponta que um dos sintomas desse último movimento é a maior inserção na mídia eletrônica (no caso a TV):

Nos anos de 1990 o movimento neopentecostal fez emergir outro tipo de igrejas que destacam as propostas de cura e de prosperidade privilegiando, no entanto, a busca de adeptos da classe média e de faixa etária jovem e presença intensa na mídia – são elas as Comunidades (Evangélica, da Graça) e a Igreja Renascer em Cristo.

O movimento em direção aos meios digitais acaba por seguir os mesmos percursos, principalmente em um segmento (cada vez mais crescente) em que a presença jovem é significativa. Enquanto as mídias eletrônicas ganham espaço nas comunidades populares, o mercado evangélico encontra terreno fértil de proliferação. Um exemplo é a venda de CDs musicais direcionados ao público evangélico que, segundo Marcos Paulo Bin (2006), ocupa o segundo lugar entre os gêneros mais vendidos no país. O uso da Internet como espaço de comunicação e divulgação das mensagens religiosas também tem demonstrado grande crescimento, principalmente no meio protestante.

Um veículo de comunicação com esse potencial não poderia ficar muito tempo sem ser utilizado pelos evangélicos que, diga-se de passagem, tradicionalmente sempre tiveram por hábito buscar o uso eficiente de todas as tecnologias possíveis para levar o Evangelho a toda a parte.[...] Com a Internet não parece ter sido diferente, a julgar pela presença nada desprezível de evangélicos em quase todos os espaços virtuais possibilitados pela Internet. (JUNGBLUT, 2002, p.1)

Visando a perspectiva de aumento do uso da Bíblia com os recursos multimídia, que são voltados principalmente para o uso acadêmico, os números são ainda mais incentivadores. Também, segundo Bin (2006), são mais de 500 escolas de teologia formando 300 mil novos pastores e líderes a cada ano. O uso da tecnologia digital pode ser considerado, ainda, um elemento indispensável nessa corrente de evolução didática. Mariana Filgueiras (2006, p.2) relata o surgimento de cursos *on-line* de formação de pastores como um fenômeno em expansão e que diagnostica bem a participação dos evangélicos, inclusive das classes mais carentes, no meio digital: “Quem quiser se tornar pastor faz o depósito e espera em casa o kit-pastor – o pacote com apostilas, provas e CDs com 10 milhões de e-mails de igrejas. [...]”. Um outro sintoma visível dessa expansão acadêmica é o fato de que, durante a pesquisa, foram encontrados disponíveis no mercado 28 edições diferentes de Bíblias de estudo, das quais apenas uma referente à tradição católica.

Não cabe aqui diagnósticos sobre as causas dessa diferenciação, ainda que seja um tema bastante interessante para uma pesquisa social. Vale lembrar que o interesse da pesquisa é demonstrar os aspectos que sofrem interferên-

cia, do ponto de vista da forma e linguagem visual, na passagem da Bíblia do ambiente impresso ao digital. Basta determinar que, tanto em função de sua maior presença nos meios digitais como do seu uso direcionado, as versões protestantes das Bíblias digitais foram as escolhidas para a análise a seguir.

4.1.

E-book: livro digital ou impresso no monitor?

Os capítulos anteriores mostraram como a forma adotada a partir de uma nova tecnologia era, muitas vezes, dependente da tecnologia anterior. Assim, os códices sustentaram por algum tempo as características dos rolos assim como o livro impresso foi, nas suas primeiras tiragens, cópia dos exemplares manuscritos que os antecederam.

Esse efeito não seria diferente na transposição do livro digital para a tela do computador. Como mostra Luis Monteiro (2002, p.114) na sua pesquisa sobre a transposição de um jornal para a leitura *on-line*, as primeiras edições digitais tinham como tendência “tentar reproduzir no meio digital a publicação impressa, criando uma unidade visual entre as duas versões”.

Quanto aos livros originalmente impressos, quando transpostos para o ambiente digital, grande parte reproduz o modo de leitura anterior. De fato, alguns softwares de reprodução desses livros, como o *Microsoft Reader* (Figura 48), chegam a tentar reproduzir a estrutura em códice de um livro impresso. Por outro lado, muitos títulos oferecidos como *e-books*⁶⁸ são, na verdade, versões digitalizadas em arquivos de texto que não somente permitem mas também acabam estimulando sua impressão.

De um jeito ou de outro, a apresentação na tela não se justifica nesses casos, pois não há projeto ergonômico que torne confortável sustentar-se à frente de um monitor para ler, continuamente, cem ou mais páginas de uma obra de ficção. O uso do computador acaba sendo muito mais útil pelo fator de acessibilidade dos títulos do que como suporte para sua leitura direta.

⁶⁸ Usamos o termo inglês *e-book* para descrever o livro eletrônico. Sua aplicação pode acontecer em dois sentidos: o primeiro trata-se do livro digitalizado para leitura em um dispositivo eletrônico, o segundo sentido refere-se à denominação do próprio dispositivo. Atualmente, os PDAs (Assistente Pessoal Digital) ou *Handhelds*, uma evolução das antigas agendas eletrônicas, têm assumido também funções que antes eram exclusivas dos *e-books*. Há, inclusive, alguns aparelhos celulares que também executam essa função.

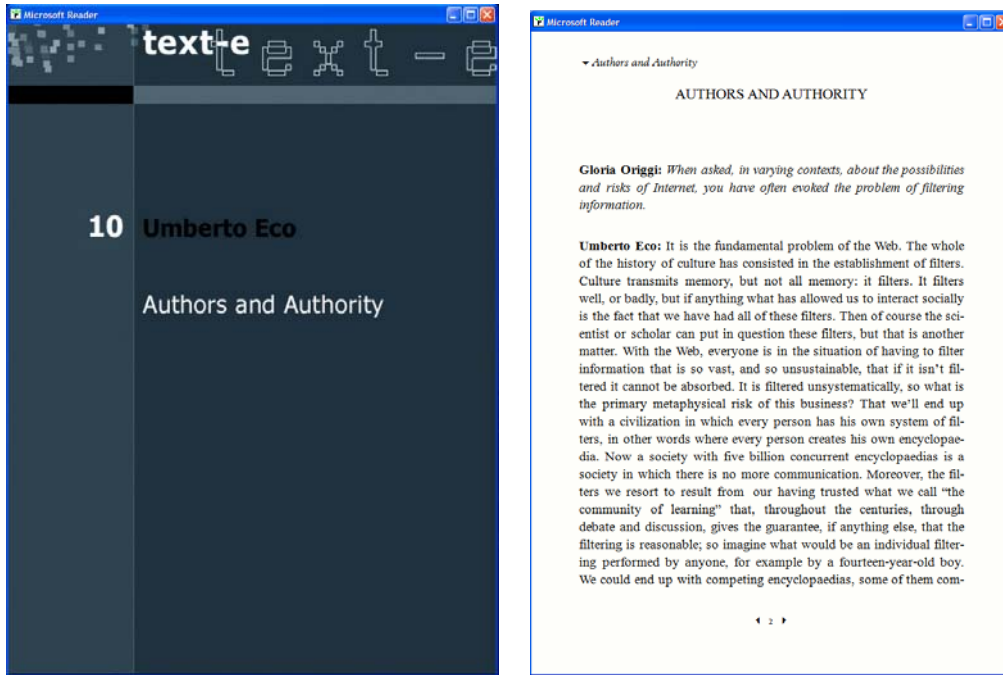


Figura 48 . Capa e miolo de um livro a partir do software *Microsoft Reader*. As páginas são mudadas pelas setas ao lado do número da página. A leitura é uma reprodução do códice.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510311/CA

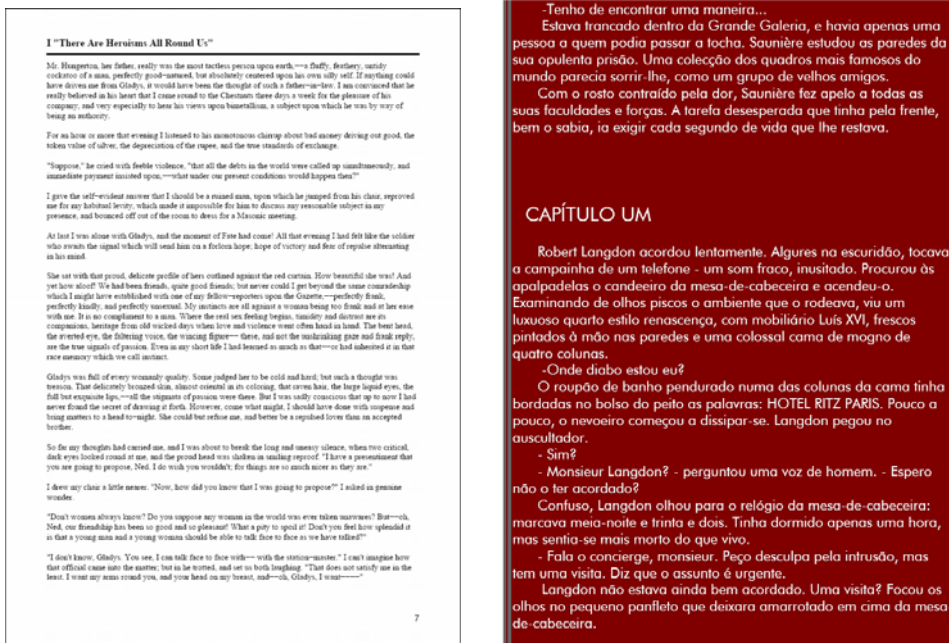


Figura 49 . Página do *e-book Lost World (e)* e do *Código Da Vinci (d)*. As apresentações reproduzem o formato impresso. A leitura na tela não se justifica e o leitor é induzido a imprimir suas páginas.

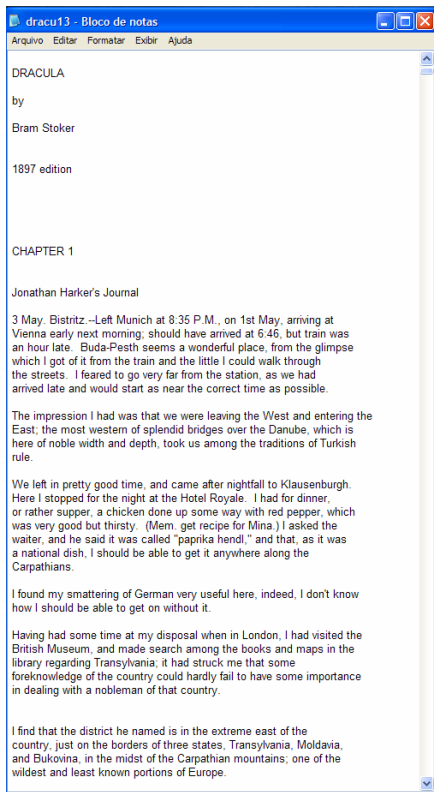


Figura 50 . *E-book* disponibilizado pelo Projeto Gutenberg. As opções de formato sustentam o modo de leitura através da barra de rolagem. O texto segue uma orientação vertical.

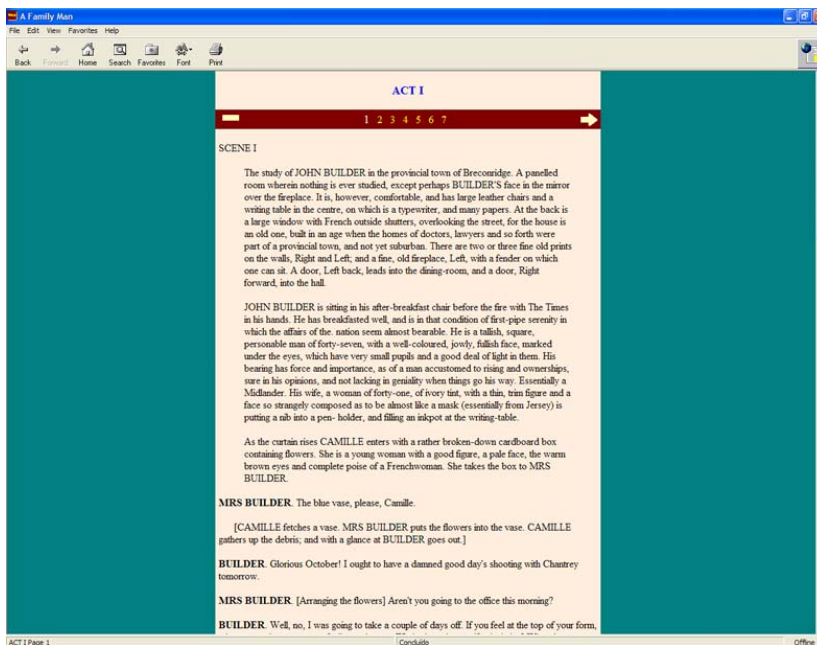


Figura 51 . O software de leitura *web-book* apresenta uma mistura dos dois modos de leitura. As páginas são mudadas, como o código, através de um comando na parte superior do livro. Mas cada página ocupa um espaço maior que o da tela, obrigando o leitor a usar a barra de rolagem vertical.

O uso de dispositivos eletrônicos portáteis de leitura digital, os também chamados *e-books* ou *e-readers*, promete ser uma alternativa ao desconforto do computador de mesa. De fato, uma série de edições lançadas para a leitura nesse suporte pode apresentar numerosas vantagens em relação ao antecessor digital e ao formato impresso, como aponta Luis Monteiro (2002). Realmente, o desconforto causado pelo brilho da tela, muitas vezes reconhecido como um impedimento ao acesso desses dispositivos, vem sendo cada vez mais reduzido em função das novas tecnologias.

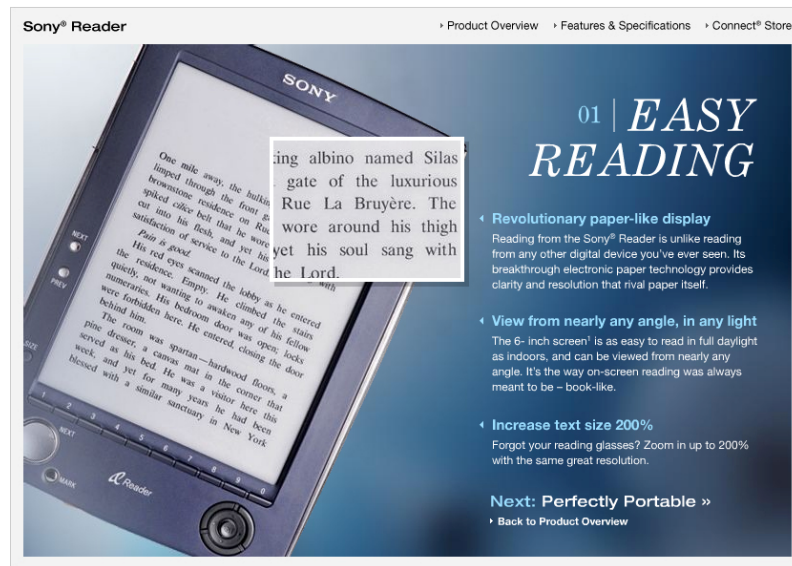


Figura 52 . O *e-book* da Sony, lançado em outubro de 2006, garante que a leitura da tela seja similar ao brilho e definição do papel.

Outra característica dos *e-books* é o desenvolvimento de tecnologias de navegação mais avançadas que os dos primeiros livros eletrônicos. Softwares com sistemas que permitem saltar entre as páginas alternadamente, assim como encontrar capítulos ou palavras aleatoriamente e o armazenamento de vários títulos em um único suporte, são alguns desses exemplos que começaram a dar sentido à transposição das versões impressas para o suporte eletrônico. Mas, ainda nesses casos, as páginas continuaram as mesmas. A diagramação tipográfica tradicional, fruto dos caminhos percorridos pela adequação à tecnologia da imprensa, continua sendo reproduzida na maioria dos casos, como mostra a figura acima.

Sobre diagramação tradicional refere-se ao que Ana Cláudia Gruszynski (2000, p.37) relaciona à tipografia típica do design gráfico moderno, onde “a adequação da forma à função, a legibilidade, a clareza, a distribuição harmônica são princípios que perpassam todos os níveis, da escrita à impressão da página”. Essa forma de diagramação ainda é a mais comum encontrada nos livros impressos atuais. Ainda que existam projetos gráficos editoriais cuja complexidade na composição visual é diferencial sensível em relação

aos projetos tradicionais, esses passam longe dos projetos encontrados na maioria das versões de livros digitais.

Certamente, a própria concepção da obra literária que, na maioria das vezes, surge visando a leitura tradicional justifica a manutenção do formato comum de diagramação, mesmo nos suportes digitais. Essa prática, no entanto, começa a ganhar outros contornos quando o autor do texto inicia a elaboração de sua história visando à sua leitura no meio eletrônico. Esses são os casos das hiperficções. Nelas, as histórias são concebidas à leitura hipertextual, para a qual o ambiente virtual apresenta uma série de possibilidades que potencializam sua elaboração. Ilana Synder (1997), ao comparar as hiperficções aos livros hipertextuais impressos, escolhe, naturalmente, alguns exemplos cuja diagramação é fator decisivo na forma de leitura proposta. Esse é o caso do romance “Tristram Shandy”, escrito por Laurence Sterne (1759-67), onde alguns elementos visuais incomuns, em relação ao modelo tradicional, determinam uma nova forma de leitura.

Sterne também subverte as convenções do texto escrito ou impresso quando ele não somente sugere aos seus leitores que uma página está faltando mas também deixa um espaço em branco no qual eles mesmos são convidados a escrever algumas palavras em resposta ao texto. (SNYDER, 1997, p.84)

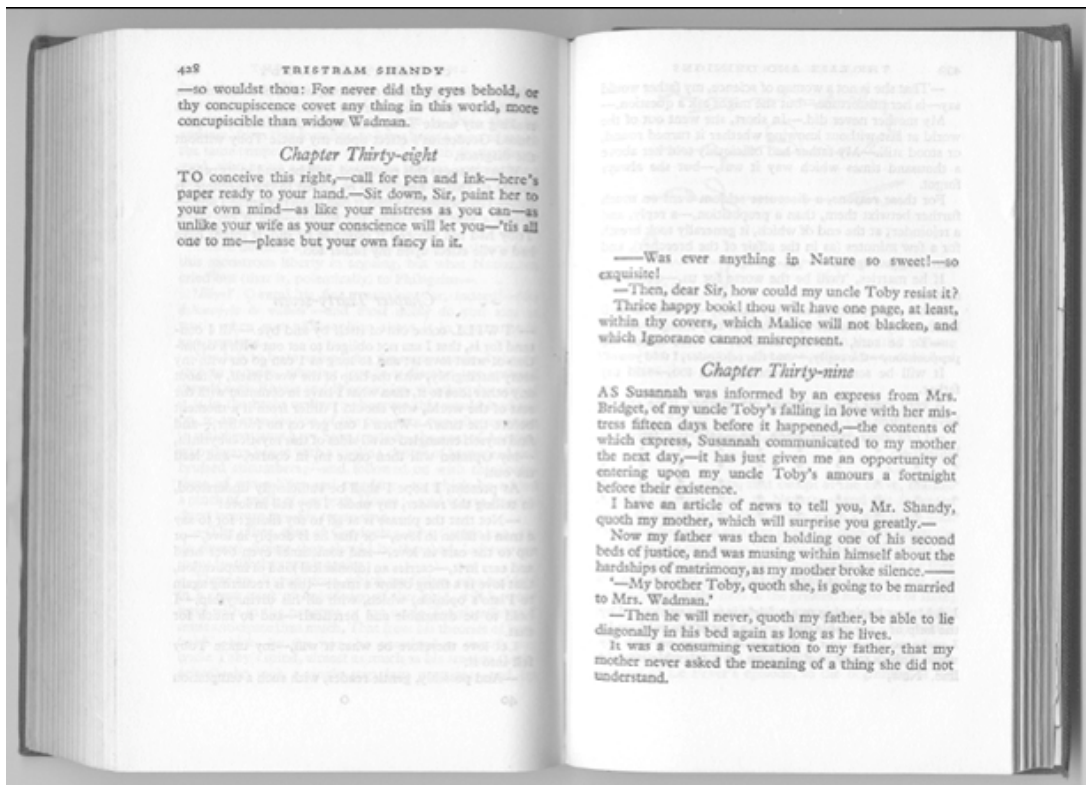


Figura 53. Espaço em branco deixado proposadamente por Sterne no meio de uma narrativa.

Algumas hiperficções apresentam, do mesmo modo, uma estrutura gráfica que foge às convenções do design moderno. Exemplos nesse sentido são apresentados por Julie Pires quando discorre sobre como a forma do livro determina também o seu modo de leitura.

Os meios “materiais” que veiculam a escrita estão diretamente associados a posturas assumidas pelo leitor. Assim como a leitura em tela pressupõe um “modo de ler” diferente daquele do livro impresso, no passado as transformações morfológicas que envolveram a passagem do rolo ao códice alteraram, de maneira significativa, as práticas de leitura e o significado do livro na sociedade romana. (PIRES, 2005, p. 98)

Assim, uma composição gráfica menos rígida com recursos que permitam leituras paralelas, instrumentos gráficos de navegação, além da possibilidade de agregar imagens dinâmicas e sons, são somente algumas das características que o livro digital pode apresentar como consequência do seu novo suporte.



Figura 54 . Exemplo de hiperpoema, descrito por Pires (2005). A cada clique em um dos espaços, uma nova informação surge na tela, exigindo uma composição mais flexível e elementos de navegação específicos.

Para Roger Chartier, a adequação do texto no ambiente eletrônico define uma nova forma de representação:

[...] a representação eletrônica de escrita redefine as características materiais dos trabalhos porque ela dissolve a conexão visível entre o texto e o objeto que contém o texto, e porque ela dá ao leitor, e não mais ao autor ou ao editor, controle sobre a composição, o arranjo e a aparência das unidades textuais a serem lidas.

Finalmente, quando lê na tela, o leitor contemporâneo retorna de alguma forma à postura do leitor da Antigüidade. A di-

ferença é que ele lê um rolo que geralmente corre verticalmente e que está dotado com características inerentes à forma do livro desde os primeiros séculos da era Cristã: paginação, índice, tabelas etc. A combinação desses dois sistemas que governaram os primeiros meios de escrita (o volumen e o códice) resulta numa relação inteiramente original de textos. (CHARTIER, 2001, p.8, tradução nossa)

Se existe uma busca em transpor o livro impresso para o suporte digital, essa não poderá gerar bons resultados se o designer não considerar esse suporte nas suas características específicas. Mesmo que, em um primeiro momento, as grandes mudanças sejam acompanhadas de todo um repertório tradicional que influencie sua configuração, essa precisa atualizar-se para encontrar a melhor adequação ao novo meio. Assim como na mudança do rolo ao códice a configuração visual manteve por algum tempo traços específicos do primeiro suporte, não demorou muito para que os antigos designers (figurativamente falando) percebessem a necessidade e as vantagens em adequar-se ao novo suporte. Esse é um desafio que o profissional tem à sua frente e que a Bíblia parece, em alguns casos, ter encontrado propostas de solução.

4.2.

A Bíblia, do papel ao monitor

A Bíblia Sagrada é um dos mais tradicionais livros de nossa história. Apesar de ter sido palco para as mais diversas experimentações visuais ao longo de sua trajetória, suas representações atuais impressas estão predominantemente comprometidas com os aspectos da funcionalidade. Em entrevista, o padre Paulo Bazaglia (2006), diretor editorial da Paulus Editora, que publica algumas das mais conhecidas edições da Bíblia católica no Brasil, conta que os principais aspectos considerados na programação visual de suas Bíblias são “legibilidade e economia de espaço” e, do ponto de vista conceitual, a “seriedade” na composição. Isso direciona o projeto gráfico da Bíblia cada vez mais à linguagem convencional de diagramação onde características abordadas por Gruszynski (2000) se reafirmam.

As edições católicas da Bíblia são as que mais aceitam interferências gráficas no seu formato. Alguns exemplos encontram-se nas edições de luxo, em que o uso de ilustrações divide espaço com o texto. Um aspecto comum em algumas Bíblias católicas que as diferenciam das edições protestantes é o uso de diagramação em coluna única. Outro aspecto é a divisão vertical do texto em parágrafos, não pelas linhas dos versículos. Esses seguem a linearidade do texto e suas indicações numéricas se apresentam no interior da mancha gráfica. Do ponto de vista da navegabilidade, fica bastante complicado encontrar determinados versículos isolados em parágrafos maiores. Segundo Bazaglia, isso

corresponde à característica do usuário católico de enfatizar a contextualização das passagens ao invés de sua leitura isolada⁶⁹. As Bíblias protestantes, por sua vez, em função do seu extremo rigor em relação a iconoclastia⁷⁰, assim como a grande influência das sociedades bíblicas em seus projetos econômicos (cf. 3.2.1.), preservaram ao longo dos anos uma diagramação extremamente sóbria e funcional.

Apesar do argumento da funcionalidade e “seriedade”, a Bíblia sustentou durante anos, no seu aspecto visual, um formato que se tornou padrão e adquiriu tamanha assimilação na cultura ocidental que tornou fácil a qualquer pessoa desse lado do hemisfério reconhecer as Escrituras apenas pela sua encadernação. Assim, a encadernação clássica que propõe capa de couro (ou papel similar), bordas coloridas (de preferência dourada), título gravado em baixo-relevo metálico e fita de marcação são alguns dos exemplos que, mesmo nas edições mais baratas, costumam estar presentes.

Outros elementos tradicionais, além dos externos, se sustentaram e também determinaram uma linguagem que é quase regra para a diagramação do Livro Sagrado. A fala de Jorge Luis Borges (1999, p.124) ao confundir o Livro de Areia com as Escrituras é um exemplo dessa simbolização: “As páginas, que me pareceram gastas e de pobre tipografia, estavam impressas em duas colunas, como na bíblia [sic]”.

O uso de duas colunas, como conta Michael Twyman (1982, p.4, tradução nossa), seria um retrocesso em relação às técnicas de imprensa, uma vez que a tipografia na “versão impressa precisava de uma linha longa para fazer funcionar efetivamente a justificação, logo era composta em um bloco único de tipos”. No entanto, como visto anteriormente, uma tradição que começou nas escritas em rolo, continuou no formato códice e sobreviveu após a tecnologia da imprensa, ainda está presente em quase todas as edições da Bíblia encontradas atualmente. Aspectos funcionais, como a divisão em versículos, foram responsáveis pela manutenção dessa forma de diagramação, ainda que economicamente possa não parecer a mais adequada.

Mesmo que algumas mudanças gráficas tenham sido percebidas nas edições tradicionais da Bíblia Protestante, principalmente no que diz respeito à produção gráfica, encadernação e na evolução das fontes tipográficas, o design “padrão” permaneceu intocado até que uma nova necessi-

⁶⁹ De fato, em todas as edições da Bíblia católica é usado esse tipo de diagramação, ainda que nem sempre tenha sido assim. Uma versão de 1950 apresenta a divisão em versículos por linhas do mesmo modo que as edições protestantes. Esse tipo de divisão, no entanto, remonta pelo menos aos anos 60, segundo os exemplos encontrados.

⁷⁰ Rejeição a qualquer representação de imagens que possam induzir à idolatria. Seguidores da Reforma Protestante levaram rigorosamente o mandamento hebraico sobre a proibição do uso de imagens a ponto de excluir mesmo as representações de personagens considerados sagrados, como Jesus Cristo.

dade surgisse no meio evangélico. O ressurgimento das edições acadêmicas da Bíblia, em meados da década de 1970 (SEIBERT, 2006), trouxe novos desafios ao design das páginas do Livro Sagrado. Ainda que a tradição desses livros tenha começado há muitos séculos atrás (cf. 3.2.1), essas edições estavam lidando agora com um público diferente e em outro contexto tecnológico. As ferramentas de busca que, por um lado, otimizam a leitura hipertextual, passaram a dividir espaço com o texto principal. As notas marginais e versículos que durante anos se apresentaram timidamente nas páginas, começaram a ganhar mais importância. Elementos visuais como mapas, caixas de informações e anotações passaram, então, a reconfigurar a forma como se conhecia a Bíblia comum.



Figura 55 . Página da Bíblia Católica “Edição Pastoral” onde se percebe que os versículos não quebram o movimento do texto como nas edições protestantes.

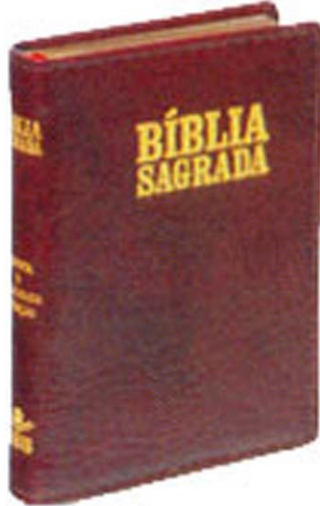


Figura 56 . Edição da Bíblia em formato compacto. Contém todos os elementos descritos acima e é uma das mais baratas do mercado e a principal encontrada nas lojas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510311/CA

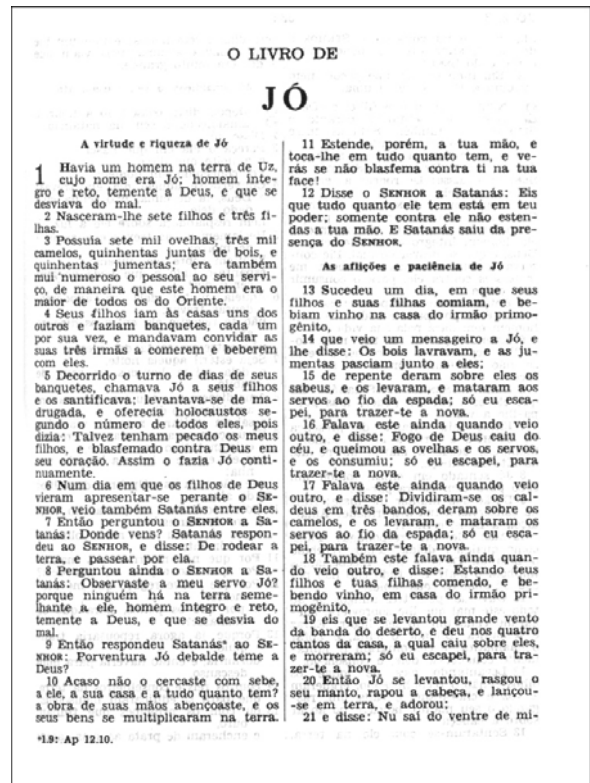
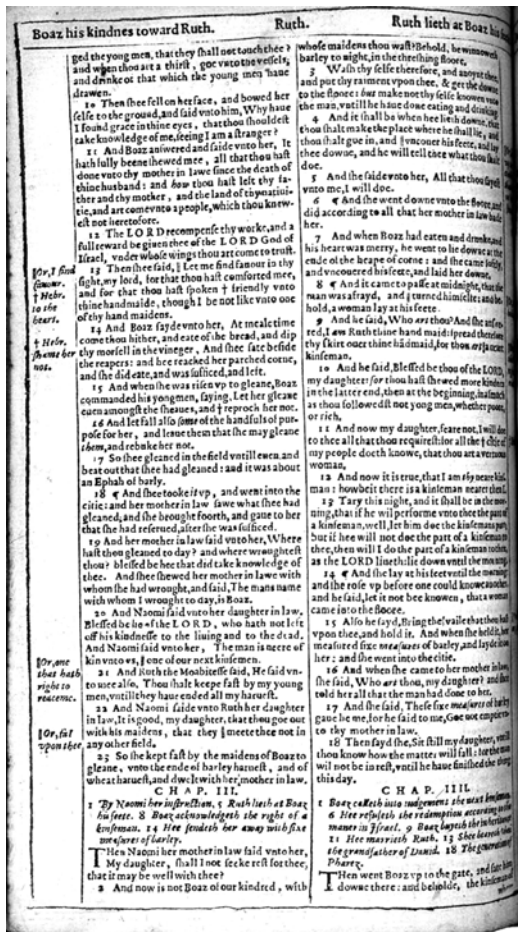


Figura 57 . A semelhança entre uma edição de 1612 (e) e outra de 1965 (d) mostra como se modificou pouco o design das Bíblias após as principais mudanças trazidas com a imprensa.

Um fator interessante é que nas 17 edições de Bíblias de estudo encontradas, das 28 disponíveis no mercado (excetuando-se a edição católica), todas mantinham a divisão em duas colunas para o texto principal. O argumento da divisão em versículos ainda é válido, mas é fácil imaginar que alguma influência da tradição também esteja presente.

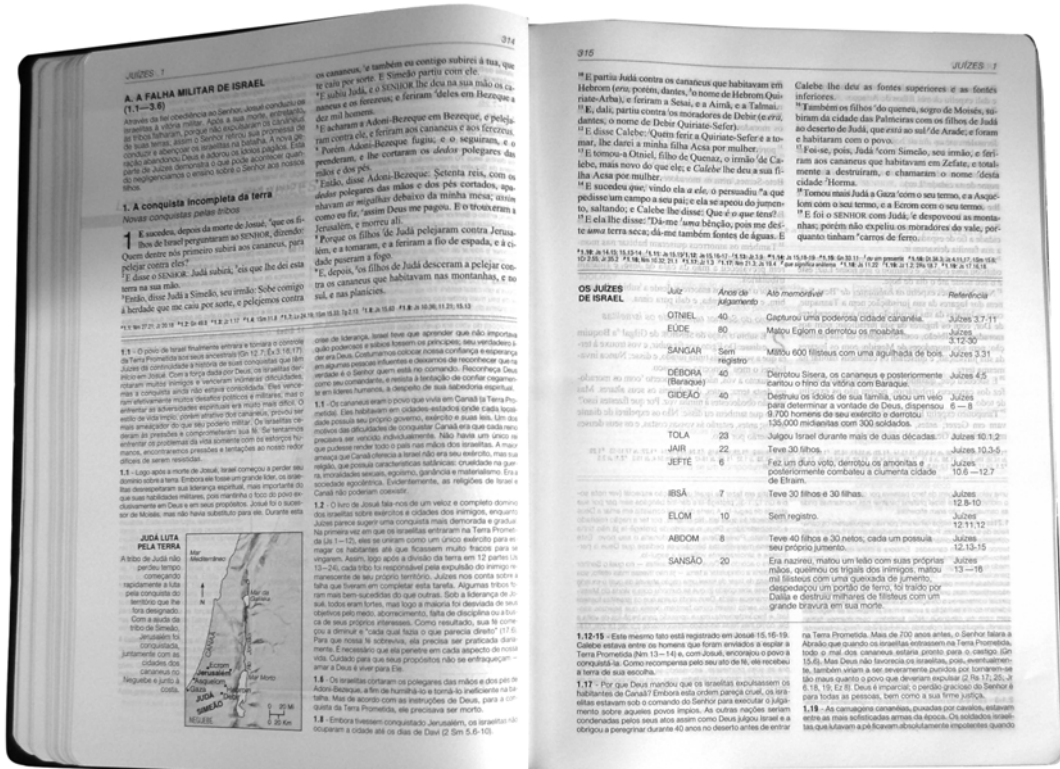


Figura 58 . Uma dupla de páginas da Bíblia de Estudos “Aplicação Pessoal” mostra um pouco do rol de elementos que passa a dividir espaço com o texto principal.

Ao ingressar no ambiente digital, no entanto, a Bíblia encontrou um terreno fértil para sua recomposição visual. No capítulo anterior viu-se como a forma de ler a Bíblia, ainda que sua visualidade não indique à primeira vista, é predominantemente hipertextual. E será no ambiente digital que toda essa hipertextualidade ganhará impulso e descobrirá caminhos que os demais livros impressos até então não conseguiram percorrer.

Talvez as únicas exceções nesse campo sejam os dicionários e enciclopédias, que no meio eletrônico também souberam descobrir uma linguagem própria e adequada a ponto de parecerem ter sido projetados com esse fim. Porém, esses dois exemplos diferenciam-se da Bíblia por uma característica determinante: a estrutura narrativa. Enquanto a Bíblia é um livro que pode ser lido do começo ao fim (ainda que se entenda que há vários começos possíveis), os dicionários e enciclopédias são para leituras pontuais, sem qualquer compromisso com um discurso narrativo cujos elementos, con-

forme já apresentados, estão totalmente ausentes. Isso faz da Bíblia, até o ponto em que essa pesquisa conseguiu identificar, um exemplo único no ambiente digital⁷¹.

Nem sempre, no entanto, se pôde perceber essa característica do Livro Sagrado. Algumas versões de Bíblias eletrônicas disponíveis na Internet nada mais são do que reproduções lineares dos textos, o que torna o meio digital um elemento muito mais complicado do que inovador.

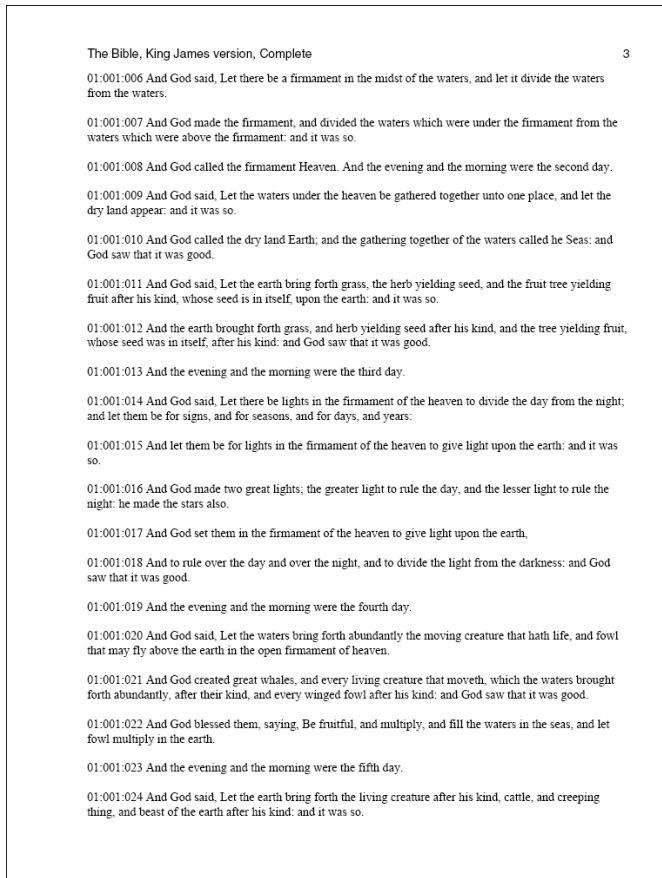


Figura 59 . Uma das 1662 páginas em pdf da Bíblia do Projeto Gutenberg, que reproduz apenas as divisões em versículos e capítulos, sem qualquer dinâmica.

Outros exemplos buscam manter o fator “tradição” como elemento forte na sua apresentação. Algumas Bíblias digitais possuem similaridades formais com as edições impressas, seja na apresentação ou no modo de leitura. Um exemplo é a “*e-bible*”, da companhia “*The Gadget Factory*”, (Figura 60), que oferece uma versão da Bíblia onde o usuá-

⁷¹ É evidente que isso não é necessariamente permanente. Outras literaturas, principalmente de natureza clássica e religiosa, cuja estrutura hipertextual tenha se desenvolvido ao longo de suas reedições, podem descobrir os mesmos caminhos que a Bíblia Sagrada, como aconteceu o *i-ching* que possui diversas versões na Internet, ainda que esse também se diferencie da Bíblia. Propostas de edições digitais de Tristram Shandy (Laurence Stern) ou do Jogo da Amarelinha (Júlio Cortázar) seriam exemplos interessantes nesse sentido.

rio não somente reconhece a encadernação como pode folhear as páginas como num livro impresso. Uma outra versão, a Bíblia Sagrada Versão Digital, desenvolvida por Marcelo de Oliveira (Figuras 61 a 63), escolhe um caminho próximo, mas sem o recurso de folhear a página, que ocorre somente pelo clique nas setas na base das páginas. Essa versão, ao contrário da anterior, abre-se numa janela inteira, com recursos de multimídia em barras de tarefas externas ao livro.



Figura 60. Páginas da “e-bible” onde o usuário tanto pode mudar as páginas pelo clique na seta quanto arrastando o mouse sobre as mesmas.

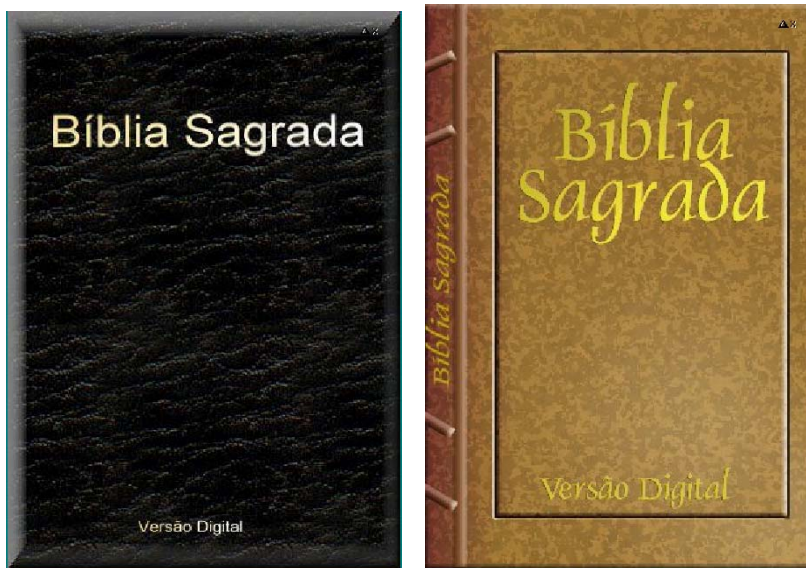


Figura 61 . A abertura da Bíblia (BSVD) apresenta várias opções de capas, algumas reproduzindo a linguagem “clássica”.

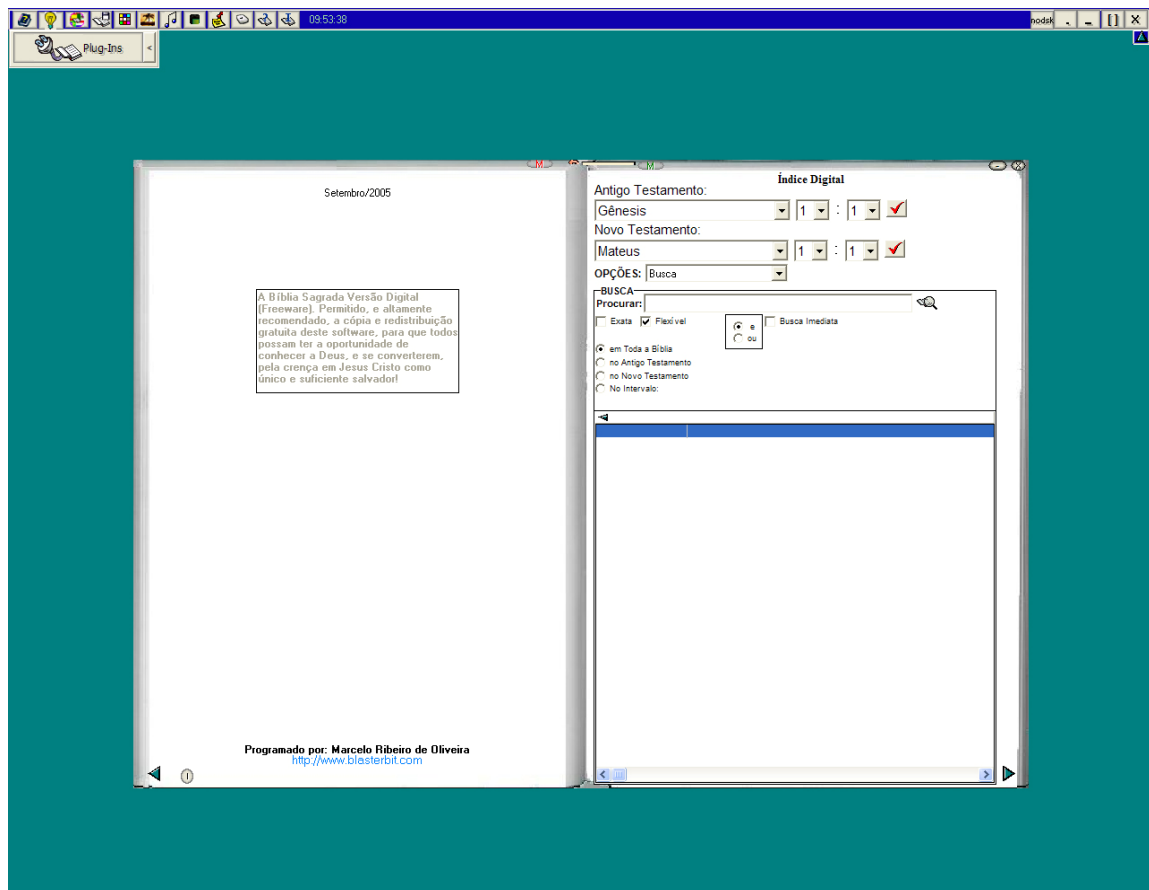


Figura 62 . No lugar do sumário há um sistema de buscas que facilita ao usuário encontrar o livro sem a necessidade de folhear página por página.

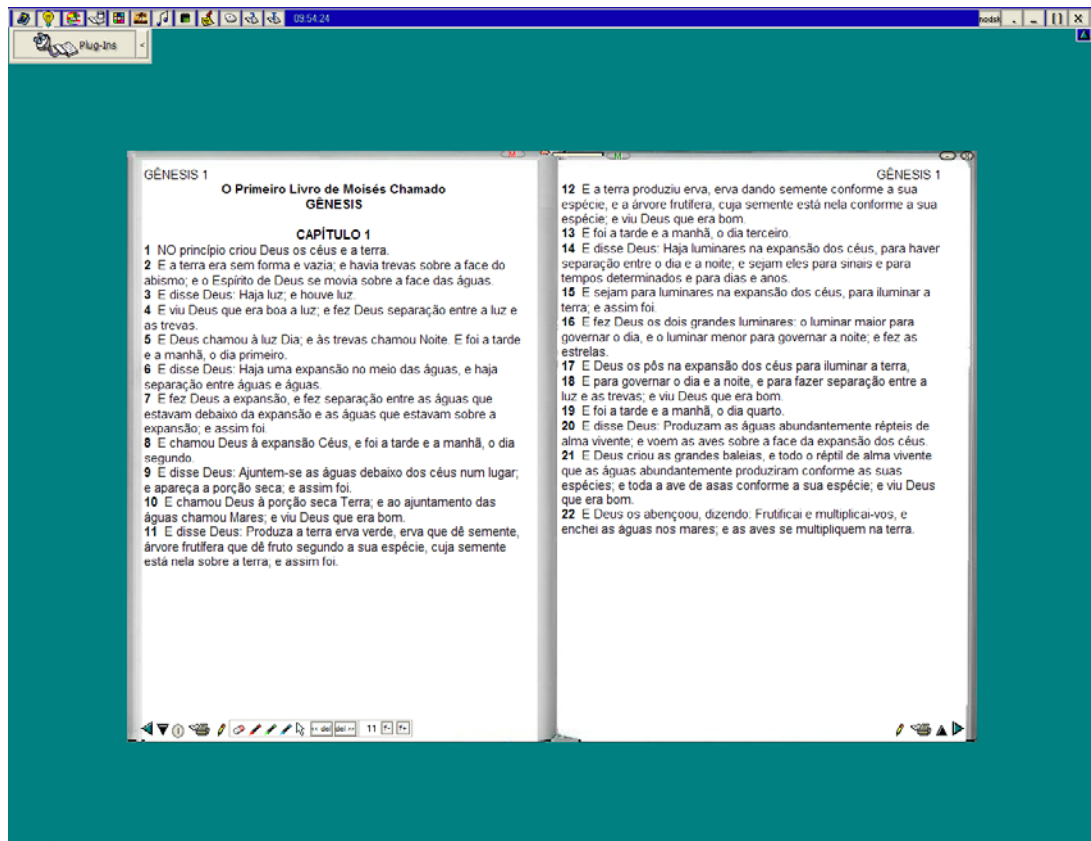


Figura 63 . A diagramação interna é bem simples. Aqui não houve a preocupação em dividir em colunas (o que nesse caso seria complicado desenvolver).

É possível verificar na versão acima um início, ainda que tímido, do uso dos recursos hipertextuais que a Bíblia impressa possui, como a seleção individual de capítulos e versículos e a busca aleatória⁷², além de outros recursos como janela para anotações e armazenamento de versículos favoritos.

Certamente, as edições mais simples são também as mais limitadas. Alguns softwares disponíveis oferecem versões bíblicas com mais recursos, como opções de várias traduções, sistema de concordância, glossários etc. Ainda que nem sempre acompanhados de um aprimoramento gráfico adequado.

⁷² É comum que alguns cristãos tenham a prática de buscar aleatoriamente trechos da Bíblia, entendendo que esse método menos racional abre espaço para a voz do “Espírito Santo”.

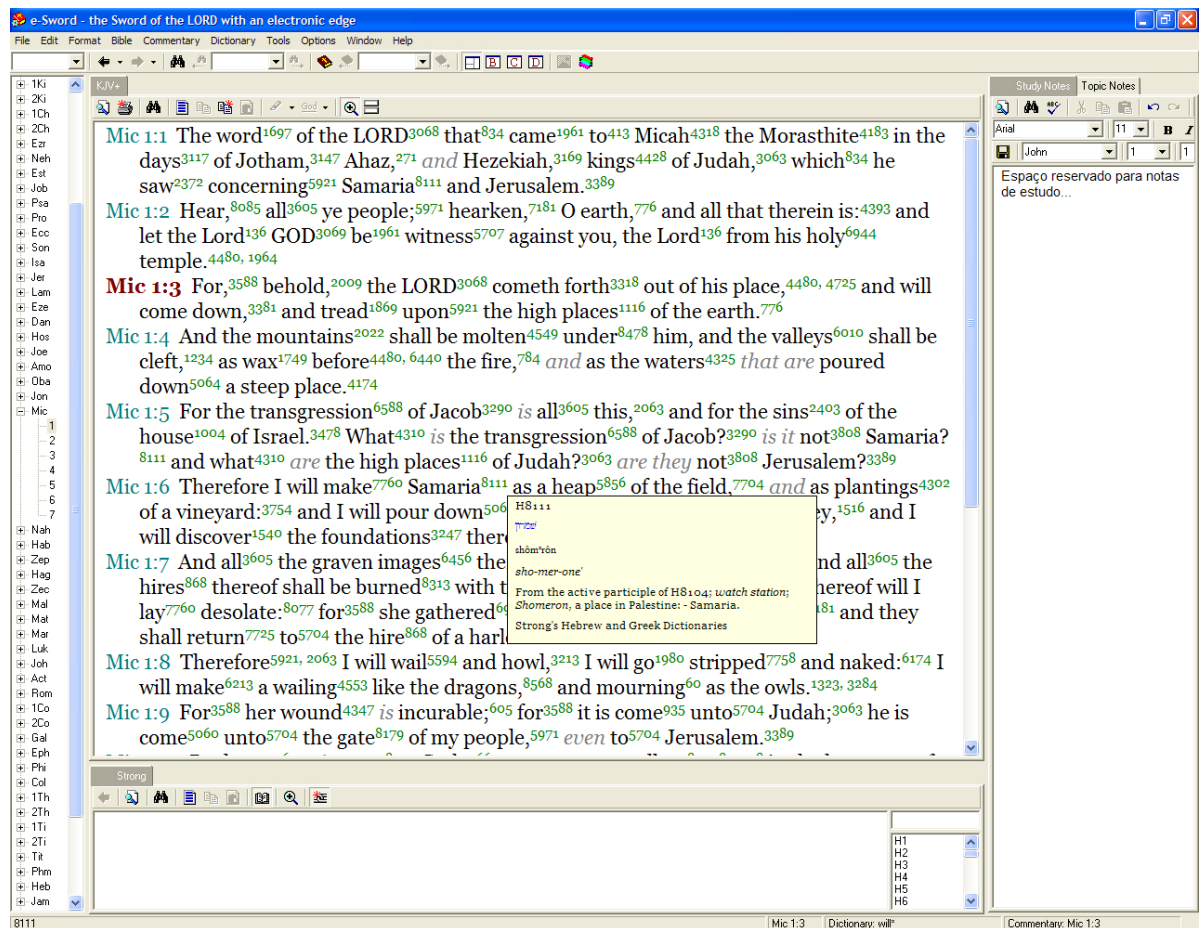


Figura 64 . O projeto “e-sword”⁷³ oferece uma Bíblia rica em ferramentas para estudo. Seu layout, no entanto, não é muito convidativo a leituras extensas. Texto na Versão do Rei Tiago (KJV), em inglês.

São inúmeros os exemplos de Bíblias digitais disponíveis no mercado da Internet, sejam gratuitos ou pagos, nos mais variados idiomas. É quase impossível descobrir todas as edições disponíveis, já que seus autores podem retirar ou publicar programas constantemente sem nenhum controle externo. Mas para se ter uma pequena dimensão da oferta, uma busca pela palavra “Bíblia” em um dos sites de *downloads* mais movimentados no Brasil⁷⁴ apresentou como resultado 18 edições de Bíblias digitais entre versões católicas e protestantes. Já uma procura através dos sites de busca (Google, Yahoo etc.) não serviria como parâmetro já que as respostas, muitas vezes, referem-se a páginas que somente apresentam a palavra procurada, mas não possui o seu conteúdo. A própria Internet, inclusive, é um espaço riquíssimo na publicação de Bíblias digitais. De fato, desde sites específicos sobre a Bíblia até páginas institucionais de Igrejas ou de estudos pessoais já oferecem uma ou várias versões da Bíblia.

⁷³ www.e-sword.net

⁷⁴ www.baixaqui.com.br

É difícil saber quando exatamente surgiu a primeira edição *on-line* do Livro Sagrado ou quantas estão hoje disponíveis para acesso, mas verifica-se que sua presença na rede mundial de computadores é extensa.

The screenshot shows the CatholicNet website interface. At the top, there's a banner with the text "Vimos adorá-lo" (Mt 2, 2) and an image of camels in a desert. Below this is a navigation bar with "ASSOCIADO" and login fields for "Email:" and "Senha:". A search bar is also present. The main content area is titled "BÍBLIA VIRTUAL" and displays "Gênesis, capítulo 24". The text of the chapter is visible, starting with "1 O velho Abraão estava avançado em idade...". To the right of the text is a "Versículo:" dropdown menu. The left sidebar contains a menu with categories like "Notícias", "Interatividade", "Galeria", "Entretenimento", "TopCatolicaNet", and "Informações". On the right side, there are promotional banners for "LOJA VIRTUAL" featuring a CD and book "CD e Livro - Cantar brincando... Brincar cantando!" and "CURSO ONLINE" for "Curso de Espiritualidade" and "Curso Como se Comunicar Bem".

Figura 65 . Sites católicos e protestantes oferecem edições da Bíblia on-line. Em geral, nesses casos, o uso é limitado à consulta, sem muitos recursos acadêmicos.

The screenshot shows the homepage of 'lagoinha.com'. At the top, there is a search bar with the text 'lagoinha.com' and a 'Buscar' button. Below the search bar, there are navigation links for 'Canais' and 'Amigos Virtuais'. The main banner features 'Bíblia Online' and promotional images for 'A Torre de Noé', 'Crianças', and 'DVD VIDEO'. A secondary navigation bar includes 'Chave Bíblica', 'Plano de Leitura', and 'Fale Conosco'. The left sidebar contains a 'Menu' with links to Home, Chave Bíblica, Plano de Leitura, Pesos e Medidas, Estudos Bíblicos, Bíblia Falada, Curso Bíblico, and Mensagens Bíblicas. Below the menu is a 'Curso Bíblico' section with an email and password field and a 'Clique aqui e cadastre-se' button. The main content area is divided into several sections: 'Encontrar Versículo' with a search bar and dropdowns for 'Antigo Testamento' (Livro: GÊNESIS) and 'Novo Testamento' (Livro: MATEUS); 'Plano de leitura' with an email and password field; 'Pesos e Medidas' with a short article; 'Mensagens Bíblicas' with a list of topics; and 'Estudo Bíblico' with an article titled 'Honrando ao Senhor com nossos bens'. On the right, there is an 'Ofertas do Dia' section listing various books and DVDs with their prices. At the bottom, there is a footer with links for 'Apresentação', 'Política de Privacidade', 'Expediente', and 'Fale Conosco'.

Figura 66 . Exemplo de site evangélico com a Bíblia. O usuário escolhe a passagem diretamente por um mecanismo de busca.

The screenshot shows the 'Blue Letter Bible' website. The top navigation bar includes 'Prior Book', 'Prior Chapter', 'Select a Verse', 'Next Chapter', and 'Next Book'. The main content area displays the 'King James Version (KJV)' of 'John - Chapter 1'. The text is presented in a list format with verse numbers and corresponding text. On the left, there is a sidebar with a search bar and various navigation options like 'COMMENTS', 'AUDIO/VIDEO', 'STUDY TOOLS', etc. On the right, there is a 'John 1' section with 'Read / Print' and 'Listen to' options, a 'Search the Bible' bar, and a 'Featured Items' section with 'Today's items' and 'Relevant items'.

Figura 67 . A *Blueletter Bible* é um *website* exclusivo para leitura da Bíblia com conteúdo multimídia bastante rico.

Uma das versões mais recentes no meio digital e que oferece vantagens interessantes é a Bíblia em *e-book*. Suas características englobam a maioria dos recursos digitais encontrados nas demais versões para computadores de mesa, com diferença em relação à portabilidade. Sem dúvida, é muito difícil imaginar um cristão levando um computador, ainda que no tamanho reduzido dos *notebooks*, para assistir a uma celebração no templo. A idéia do *e-book* é bem mais aceitável.

Em um breve ensaio, foi solicitado a um usuário que levasse um exemplar da Bíblia em *e-book* para um culto dominical em sua Igreja. À primeira vista, a reação geral foi de certo estranhamento, uma vez que a semelhança do aparelho com brinquedos eletrônicos dispersou um pouco a atenção de seus vizinhos. No entanto, isso foi dissipado assim que o usuário explicou do que se tratava. O mesmo, após o ensaio, relatou sua intensa assimilação com o aparelho, destacando todas as facilidades que a tecnologia digital oferecia, principalmente na questão da acessibilidade dos recursos hipertextuais⁷⁵.

Há ainda diversas barreiras econômicas, tecnológicas e, principalmente, culturais a serem vencidas antes de supor um possível uso da Bíblia digital em ambientes religiosos. O fato é que, a cada versão publicada, é possível perceber o quanto as Escrituras cada vez mais conseguem assimilar as novas tecnologias e oferecem recursos que podem vir a se tornar parte de sua identidade, tanto quanto aqueles que surgiram nas outras grandes transformações históricas.



Figura 68 . Um exemplo de *e-book* próprio para a leitura da Bíblia digital e uma de suas interfaces. Os recursos tecnológicos, além do formato leve e prático, contribuem para uma fácil assimilação do usuário. O nome gravado identifica bem o perfil do aparelho.

⁷⁵ Por se tratar apenas de um ensaio, seu resultado não o qualifica como indicativo para um comportamento geral em relação ao objeto. Optou-se por relatar apenas a título de ilustração.

4.3. Determinando o método

A Bíblia é um Livro Sagrado. Essa afirmação encerra um conceito extremamente amplo e importante do ponto de vista da sua relação com o usuário. Para Peter Berger (1985, p.38), por sagrado “entende-se uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência”. Para explicar se os valores de sacralidade que a Bíblia impressa construiu ao longo de sua história são recebidos do mesmo modo quando transposta para o ambiente digital, é fundamental entender como os seus elementos se comportam como representação da própria Bíblia.

Até agora foi possível observar o quanto a Bíblia tem afirmado sua presença nos ambientes digitais. Como muitos outros livros, sagrados ou não, a Bíblia digital muitas vezes não passou de mera representação imagética do livro impresso. Algumas muito mal resolvidas, por sinal.

Não parece que a reprodução das páginas do códice na tela do computador ou o nome “Bíblia” gravado na superfície de um *e-book* seriam elementos suficientes para tornar a Bíblia digital tão sagrada quanto seu antecessor impresso.

De fato, alguns dos questionamentos acerca dos fatores simbólicos do Livro digital residem nos significados adquiridos pelo formato que contém os textos. Roger Chartier (1995, p.21, tradução nossa), ao afirmar que “de fato, cada forma, cada meio, cada estrutura da transmissão e da recepção da palavra escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações”, levanta a discussão apontando a relação entre os significados e as formas.

Assim, pretende-se demonstrar como as características que determinam a hipertextualidade da Bíblia no formato impresso, apresentados no capítulo anterior, são fatores fundamentais na sua adequação ao meio eletrônico. Para isso, foi verificado em que níveis os elementos que determinam essas características são mantidos, otimizados ou perdidos na transposição para o ambiente digital, por meio da análise comparativa entre as duas versões.

4.3.1. Fundamentando a análise: pressupostos teóricos

Na elaboração do projeto, o designer tem à sua frente um repertório de recursos gráficos (tipografia, cores e imagens) que deverão ser usados com fins de transmitir mensagens específicas. Timothy Samara, no estudo do design editorial, é enfático ao determinar que:

A qualquer idéia pode ser dada qualquer forma visual. A tarefa diante do designer, em colaboração com o publicitário, é determinar qual forma será a melhor. [...] o papel do de-

signer é examinar o conteúdo e começar a pensar sobre como ele irá parecer e sentir, relacionado às suas mensagens. (SAMARA, 2005, p.13, tradução nossa)

Esses recursos gráficos e sua composição formam um conjunto de signos que deverão ser interpretados pelo usuário e serão considerados funcionais na medida em que transmitirem a mensagem desejada pelo projetista. Em relação aos aspectos significativos da tipografia, Flávio Cauduro determina em relação à sua leitura em um projeto gráfico:

[...] estamos enfocando não só suas propriedades *lingüísticas* de ordem simbólica (compartilhada), indicativa (dêiticas) e icônica (onomatopaica), mas, com maior ou menos atenção, dependendo de nossa sensibilidade, experiência e motivações, também observamos as suas propriedades *gráfico-visuais* de ordem simbólica (tipos regulados por um código visual quanto às suas formas estruturais básicas e as formas de articulação entre eles), de ordem indicativa (traços de agentes, instrumentos, processos e meio de produção gráficos) e de ordem icônica (atributos visuais qualitativos, como desenho, cor, tamanho, orientação, textura, contraste, número de linhas, superfícies, volumes etc.). (CAUDURO, 2002)

Uma vez verificado que se tem como chave na identificação da Bíblia impressa e da digital a forma hipertextual na construção de sua narrativa, uma análise comparativa que vise identificar a adequação da hipertextualidade impressa no meio digital foi o procedimento adotado. E, entendendo que as características que definem esse aspecto se apresentam através da interface gráfica do livro, Bíblia, em ambos os suportes, seus elementos visuais foram examinados enquanto signos, cujas diversas manifestações pudessem indicar os níveis de relação com o usuário.

Essa abordagem semiótica permitiu tratar a hipertextualidade enquanto modo de estruturação dos discursos narrativos realizada através de signos visuais, que compõem a interface gráfica da Bíblia. Signos constituintes de uma linguagem visual para a qual a semiótica⁷⁶ surge como uma ferramenta de análise apropriada, como destaca Nojima (2006, p.7):

Um projeto de pesquisa sobre a linguagem de um produto do design oferece para os estudos semióticos e da análise do discurso uma dimensão especial. Não se trata apenas de aplicar categorias e princípios das teorias aqui mencionadas para explicar as relações de interlocução entre designer - produto - usuário, mas estudá-las como uma manifestação semiótica dos discursos envolvidos como apoio a qualquer procedimento metodológico utilizado.

⁷⁶ “A semiótica é uma disciplina do domínio da comunicação que tem por objeto a linguagem entendida como um sistema estruturado de signos. A ênfase dos estudos semióticos está colocada na produção de significados, partilhados nos processos de criação, percepção e interpretação de signos”. (Nojima, 2007)

Muitos estudos sobre o signo têm sido realizados. Para Charles S. Peirce, o signo é “qualquer coisa que está para alguém no lugar de algo sob determinados aspectos ou capacidades” (PEIRCE apud ECO, 1976, p.10). Nojima (2007) propõe que signo seja entendido ainda como o “resultado da relação entre três elementos correlatos: uma manifestação perceptível, o objeto que é por ela representado e uma determinação mediadora como forma ordenada de um processo lógico”.



Figura 69 . Relação entre as dimensões do signo na semiótica peirceana.

A abrangência do signo ultrapassa o escopo dos significados das palavras e inclui em seu campo de estudo também:

[...] o vastíssimo universo das **comunicações visuais**, que vai desde sistemas fortemente institucionalizados (diagramas, sinalização rodoviária etc.) até setores em que a própria existência de sistemas de significação é autorizada em dúvida, mas onde parecem ocorrer, em todo caso, processos de comunicação (da fotografia à pintura); retoma-se de novo sistemas reconhecidamente ‘culturais’ (os códigos iconográficos) e chega-se às várias gramáticas, sintaxes e léxicos que parecem reger a comunicação arquitetônica e a chamada linguagem dos objetos. (ECO, 1976, p. 8, grifo do autor)

Aplicada ao “universo das comunicações visuais” portanto, a semiótica estuda o comportamento dos diversos signos visuais que compõem a estrutura das páginas impressas e digitais e que determinam a construção dos significados para o usuário, como mostra Nojima (2007):

Assim, os significados que modelam e orientam, retificam e reorientam os mais diversos produtos são construídos como um acontecimento de linguagem. A mensagem não-verbal do design é a linguagem codificada em signos cuja constituição perceptiva se faz por meio dos processos sensoriais do usuário.

Peirce, nos seus estudos semióticos, desenvolveu uma classificação do signo em função de sua relação triádica, a saber: entre o signo e o signo propriamente dito, entre o signo e o objeto representado⁷⁷ e entre o signo e o interpretante⁷⁸. A cada uma dessas relações, o autor estabeleceu classes em que os signos podem se manifestar segundo sua relação às categorias de percepção aos quais chamou de primeiridade, secundidade e terceiridade (SANTA-ELLA, 2003). À primeira categoria corresponde o signo enquanto “qualidade da consciência imediata” (ibid., p.43). Aos signos singulares, ou a manifestação concreta desses, correspondem a secundidade. A terceiridade corresponde àqueles cuja existência se fundamentam em leis ou acordos coletivos (NÖTH, 2003), refere-se essa à razão e ao pensamento. Em relação ao produto do design, Nojima (2007) afirma que:

Os produtos resultantes dos processos do design, vistos como signos complexos que abrangem as três classes sógnicas principais no estabelecimento de várias interfaces, enquadram-se no esquema peirciano de criação e estabelecem a conjunção de uma primeiridade com uma secundidade para produzir uma terceiridade: a semiose. A semiose é expressa pela ação do signo, pressupõe significação. Um componente na orientação dessa semiose, a partir da validade dos princípios peirciano, atende a noções de uma primeiridade icônica, de um segundo indiciai e de um terceiro a construir um símbolo, por sua vez renovável, a cada novo olhar primeiro.

Assim, ao projetar, o designer busca estabelecer as relações possíveis entre o signo enquanto representação, o objeto e o interpretante para que se realize a semiose.

Ransdell em Santaella (2000, p.17) explica que é possível pensar essa relação triádica de três modos diferentes conforme a ênfase que é colocada em cada correlato. Se o primeiro correlato é evidenciado, a relação é de representação; se a ênfase é colocada no segundo correlato, a relação é de objetivação e, se o terceiro é enfatizado, a relação é de interpretação.

⁷⁷ Esse foi subdividido em dinâmico e imediato. O primeiro é uma “representação mental de um objeto, quer exista ou não o objeto” (NÖTH, 2003, p.68). O segundo é também chamado de objeto real, “só pode ser indicado no processo da semiose” (NÖTH, 2003, p.68). Trata-se, portanto, do objeto representado pela similaridade da forma.

⁷⁸ Esse último entendido pelo autor como uma das naturezas do signo manifestadas na mente do intérprete. Trata-se de um outro signo que surge como interpretação do primeiro e que pode ser, por sua vez, um primeiro para outra interpretação.

Categorias de percepção do signo	Classificação do signo, conforme a ênfase nas relações estabelecidas entre:		
	o signo e o signo propriamente dito	o signo e o objeto representado	o signo e o interpretante
PRIMEIRIDADE	QUALI-SIGNO	ÍCONE	REMA
SECUNDIDADE	SIN-SIGNO	ÍNDICE	DICENTE
TERCEIRIDADE	LEGI-SIGNO	SÍMBOLO	ARGUMENTO

Tabela 2 . Tabela das relações triádicas de Peirce, segundo Santaella (2003).

Buscando verificar, no âmbito do objeto representado, a relação entre os significados da Bíblia e sua versão digital, pode-se entender que, no sentido dessa análise, o segundo é signo do primeiro. De fato, ao mencionar uma “versão digital” da Bíblia, propõe-se uma representação (signo), em outro formato, de uma matriz (objeto representado).

O foco da análise concentra-se, então, na objetivação, que corresponde à relação entre o signo e o objeto representado. Essa matriz ou idéia de Bíblia assume a natureza de objeto dinâmico, do qual a versão impressa é uma forma de objeto imediato do anterior.

A Bíblia digital pode ser analisada como signo na sua iconicidade, indexicalidade ou dimensão simbólica. O ícone, enquanto primeiridade do signo, refere-se ao objeto por suas qualidades, o que muitas vezes é reduzido à idéia de similaridade formal. Nesse sentido, um ícone do livro seria, por exemplo, a representação visual do códice bíblico e suas partes. O índice, que corresponde à secundidade, é um signo singular, que possui uma relação de contigüidade com o objeto representado. Assim, uma página avulsa da Bíblia poderia ser o índice da própria Bíblia. Como símbolo, em função de sua natureza de lei ou acordo coletivo, teria-se um signo com características específicas adotadas arbitrariamente como relacionadas ao Livro Sagrado, como, por exemplo, o uso da palavra “Bíblia”. O livro digital, enquanto imitação do formato impresso, muitas vezes se restringe à representação na primeiridade da relação signo/objeto, mantendo-se como ícone quando reproduz as partes identificadas como inerentes ao objeto impresso. As imagens 61 e 62 exemplificam claramente essa situação.

Nöth e Santaella (2005, p.63) demonstram, no entanto, que o símbolo só existe como signo enquanto for síntese das demais categorias de signos, ou seja, “símbolo não é senão uma síntese dos três níveis sígnicos: o icônico, indiciai e o próprio simbólico”. Para Nojima (2006), esse terceiro simbólico:

coerentemente com as lições de Peirce, significa um momento de uma construção de leitura, que se pode abrir como um primeiro em novas leituras, com novas provocações indiciais e novas informações que alimentem novos componentes interpretantes.

A Bíblia digital, portanto, só poderá ser plenamente entendida como sagrada, ou seja, assimilar os significados em níveis simbólicos que determinam sua sacralidade⁷⁹, ao representá-la como objeto, icônica e indicialmente. Em outras palavras, enquanto mimese do formato impresso, a Bíblia digital nada mais é do que o ícone de um símbolo⁸⁰. Ela não traz, independentemente, os mesmos significados que o impresso possui enquanto ícone, índice e símbolo da Bíblia.

Como é notório, trata-se de uma terceira Bíblia (objeto dinâmico), de cujo formato impresso (objeto imediato) é signo tal qual o formato digital procura ser. Quando da passagem do rolo ao códice, falou-se sobre a importância que esse formato teria para os cristãos na identificação de sua Bíblia (cf. 2.3.3.ss). No entanto, apesar de incluir novos livros no seu cânon, os livros do Antigo Testamento possuíam as mesmas qualidades simbólicas que tinham para o povo judeu. Isso porque a Bíblia era o seu texto e não o seu suporte, esse apenas o representava. O uso da expressão “Palavra de Deus” atesta bem isto: não é o livro, mas a “Palavra” que traz a sacralidade. Entretanto, como visto anteriormente nas palavras de Chartier, o formato determina a leitura e com isso todos os repertórios de signos que daí emergem. Assim o códice, antes manuscrito, depois impresso; antes em pergaminho, depois em papel; antes gigante, depois reduzido; tornou-se signo (objeto) da Palavra de Deus, mas nunca foi a própria Palavra. Nas palavras de Mircea Eliade (1992, p.17, grifo do autor): “o homem toma conhecimento do sagrado porque esse se **manifesta**, mostra-se como algo absolutamente diferente do profano”. Ou seja, o sagrado é intocável, apenas suas manifestações (a Bíblia/livro p.ex.) é que se nos apresentam.

Se a Bíblia impressa é a manifestação da Palavra de Deus – ou nos termos semióticos, seu signo – ela se sacraliza pela representação que faz dos textos sagrados. Assim, sua forma simbólica é a representação da estrutura narrativa interpretada como a manifestação da Palavra de Deus. Na medida em que seu desenvolvimento gráfico se deu em paralelo ao próprio desenvolvimento do conceito de Bíblia, ela se tornou a representação integral da própria Palavra.

A Bíblia digital, quando se propõe a ser também Palavra de Deus e tornar-se sagrada, não pode simplesmente “imitar” o códice impresso, mas ser também, a seu modo, símbolo (signo de terceiridade) da Palavra que se apresenta sob aquela estrutura narrativa. No entanto, para chegar a ser símbolo, ou seja, ser sagrada, a Bíblia digital toma o *status* de ícone e de índice da Palavra. Ou ainda, para que o usuário possa entendê-la como manifestação do sagrado,

⁷⁹ O valor de sacralidade é, também, de categoria simbólica, no sentido em que se fundamenta numa lei arbitrária sobre determinados objetos (físicos ou abstratos).

⁸⁰ Pode ser visto mais adiante como sua representação icônica é importante, mas numa forma de secundidade do ícone.

ele precisa reconhecê-la como representação autêntica do objeto a que se refere.

É preciso demonstrar em que sentido as edições digitais da Bíblia conseguem assumir essas duas classes de signos, graças à forma como se apresenta em relação às possibilidades do novo suporte, para verificar como os elementos que determinam a narrativa hipertextual na Bíblia digital são ícones, índices e símbolos da mesma estrutura, que na versão impressa representa a Palavra.

O símbolo é síntese dessas três manifestações. A Bíblia digital, como signo de objetivação na sua dimensão simbólica, pode representar “sacralidade”. No entanto, não se pretendeu nesta pesquisa verificar também essa dimensão.

Os procedimentos aplicados consistiram, em resumo:

- no estudo dos elementos que constituem o projeto gráfico e que determinam a construção da narrativa hipertextual no ambiente impresso;
- na verificação de como esses elementos se comportam, sob o ponto de vista da semiótica, no ambiente digital;
- no levantamento dos aspectos do hipertexto normalmente relacionados ao suporte digital;
- no confronto dos aspectos do hipertexto relacionados ao suporte digital com a Bíblia impressa na ótica da leitura narrativa;
- no exame dos códigos do ambiente digital a partir do repertório de hipertextualidade desenvolvido na versão impressa.

4.3.2.

A eleição do objeto

Uma das etapas mais complexas desta pesquisa consistiu na determinação do objeto de estudo para análise. Como foi visto, são inúmeros exemplos de Bíblias em formato digital, seja como *softwares* disponíveis *on-line*, inseridos em cd-rom ou para leitura nos *e-books*. Outro elemento complicador foi o aspecto doutrinário e teológico das edições bíblicas, uma vez que, tanto nas versões católicas quanto protestantes, são várias as traduções, versões e edições do Livro Sagrado.

Alguns fatores foram, portanto, decisivos na escolha do objeto de estudo a se analisar. Primeiramente, optou-se pelas versões digitais oferecidas em formato de cd-rom, aos quais o acesso mais amplo aos recursos tecnológicos assim como seus dados técnicos, já que vendidos e fechados, trariam consigo todos os dados e atualizações mais completas. Encontram-se à disposição, tanto no mercado evangélico quanto no católico, um total de dez edições de Bíblias em cd-rom, sendo uma na versão católica, uma na versão ecumênica e as demais protestantes.

A definição de quais edições seriam analisadas dependeria, em seguida, de outros fatores. Um deles foi a questão mercadológica. Apesar de haver indícios das edições citadas, nem todas estavam disponíveis para venda, como foi o caso da Bíblia em cd-rom católica, publicada pela Editora Vozes⁸¹, e da Bíblia de Estudos Pentecostal em cd-rom, publicada pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus (CPAD).

	Título CDROM	Editora
1	Bíblia Online 3.0 - Avançada	SBB
2	Bíblia Online 3.0 – Básico	SBB
3	Biblioteca digital da Bíblia	SBB
4	Ilúmina Gold	SBB
5	Bíblia NVI	Vida
6	Bíblia Thompson	Vida
7	Bíblia Soft	JuERP
8	Bíblia de Estudo Pentecostal	CPAD
9	Bíblia Sagrada Vozes	Vozes
10	Bíblia Sagrada TEB	Loyola

Tabela 3 . Lista de Bíblias em cd-rom publicadas no Brasil. As oito primeiras são protestantes, a nona é a versão católica e a última, a versão ecumênica.

O segundo critério adotado foi de âmbito mais subjetivo. Uma vez que o objetivo da pesquisa é abordar a transposição dos elementos hipertextuais do impresso ao digital, não havia necessidade de uma representação das diferentes doutrinas cristãs. Determinou-se, portanto, que duas análises seriam suficientes para a pesquisa, já que todas as versões possuem uma certa proximidade conceitual em relação à hipertextualidade. Optou-se por analisar, dentro dos critérios anteriormente estabelecidos, as Bíblias mais encontradas no mercado evangélico, das quais se sobressaem as da Editora Vida e da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB).

A primeira é responsável por duas edições em cd-rom de Bíblias de Estudo, a Bíblia “Nova Versão Internacional” e a Bíblia “Thompson”. Uma vez que ambas possuem pares impressos da mesma natureza, a análise foi realizada a partir de uma delas, no caso, a Bíblia de Estudos Thompson impressa e em cd-rom.

A SBB publica, nas versões digitais, a “Bíblia On-line módulos básico e avançado”, a “Biblioteca digital da Bíblia” e a “Ilúmina Gold”. Apesar desta última incluir-se na categoria de Bíblias, uma vez que a contém, na verdade ela se propõe a ser uma enciclopédia bíblica, já que seu conteúdo ultrapassa em muito o de uma Bíblia de estudos em cd-rom,

⁸¹ Alguns vendedores da própria editora alegaram que ela não é mais publicada, o que não pôde ser confirmado. Por outro lado, nem mesmo as lojas virtuais oferecem exemplares dessa Bíblia.

principalmente em relação aos recursos multimidiáticos. A “Biblioteca digital da Bíblia”, como o próprio nome diz, também contém o Livro Sagrado, mas trata-se de uma biblioteca multimídia para estudos mais ampliados.

Quanto às Bíblias impressas, essa editora possui um repertório muito rico quanto à variedade de edições bíblicas, sejam tradicionais ou especiais. No entanto, não há um correspondente direto à Bíblia em cd-rom, como no caso da Editora Vida. Como interessava verificar os processos de transposição de leituras, seria interessante observar de que maneira isso se dá não só nas categorias de Bíblias de estudo, mas também nas Bíblias tradicionais, uma vez que, como já visto, essas permitem uma hipertextualidade ampla, ainda que com menos recursos gráficos. Por esse motivo, optou-se por estudar, como representante impresso, a Bíblia Sagrada tradicional e, como representante digital, a Bíblia On-line – Módulo Básico.

4.4.

À imagem e semelhança: representações icônicas

O primeiro aspecto na representação da narrativa hipertextual da Bíblia em cd-rom se dá na percepção de sua macroestrutura, conduzida pela diagramação dos elementos gráficos. Essa representação é, como as demais, analisada sob a ótica de sua significação no nível icônico, ao qual Peirce relaciona como a primeira categoria de relação do signo com seu objeto.

A intenção de analisar a composição gráfica dos suportes ou sua diagramação visa entender como essa representa a estrutura da leitura da narrativa. Nöth e Santaella (2005), no estudo sobre as relações entre palavra e imagem, destacam que aquela, como signo, pode ir muito além de sua manifestação simbólica, como é conhecida na tradição semiológica de Saussure. Ainda que a origem das letras remonte às representações icônicas (pictogramas), seu desenvolvimento se deu no âmbito simbólico, na medida em que passaram a se tornar signos arbitrários sujeitos à interpretação a partir de um pacto coletivo (NÖTH, 2003). Por outro lado, quando observada na sua manifestação escrita, a palavra pode ser interpretada na sua visualidade, onde passa a representar o objeto não somente a partir da manifestação simbólica, mas também icônica (CAUDURO, 2002). Segundo Nöth e Santaella (2005), Peirce apresenta os ícones em três níveis distintos, dos quais dois se subdividem em outros. Assim, o primeiro nível é chamado de ícone puro que é “uma simples qualidade de sentimento indivisível e inalisável” (NÖTH; SANTAELLA, 2005, p.60). O segundo nível é o ícone atual que se subdivide em ícone passivo, o ícone ativo. Esses dois subníveis se dão na relação entre a ação do percepto e a mente, onde o ícone apresentará, em cada caso, diferentes funções.

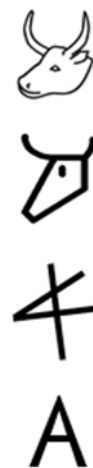


Figura 70 . A evolução das letras que começaram como pictogramas (ícones) e se tornaram símbolos.

Ao terceiro nível, Peirce chama de hipoícone, ao qual propõe ser um signo propriamente dito na medida em que representa algo. Assim os hipoícones são também, por sua vez, triádicos. Ele as divide (seguindo a seqüências dos três níveis do signo) em imagens, diagramas e metáforas. Winfried Nöth mostra que, no conceito Peirciano, a iconicidade lingüística se dá nos dois últimos tipos de representações que seriam as metafóricas e as diagramáticas. Nesse sentido, o próprio autor (2003, p.100) desenvolve a relação entre a estrutura da representação escrita e a fala, onde estabelece que as representações diagramáticas são “as áreas mais importantes da iconicidade lingüística”. De fato, no ato de “diagramar”, o designer está realmente reproduzindo uma fala, seja através dos elementos tipográficos ou plásticos (cores e imagens). Desse modo, diagramar uma página ou uma tela é também reproduzir a estrutura icônica da comunicação⁸². Do mesmo modo, ao reproduzir através dos elementos gráficos uma determinada inflexão ou intensidade na fala através das variações tipográficas, ele está estabelecendo uma relação icônica metafórica com o objeto representado.

Winfried Nöth amplia a noção de diagramas ao determinar que suas estruturas se subdividem, por sua vez, em outras “três subáreas, a saber: os símbolos em estruturas diagramáticas, diagramas sintagmáticos e diagramas paradigmáticos” (2003, p.100).

Quanto à primeira, o autor explica que se trata da organização icônica de elementos simbólicos. Nesse caso, as palavras, simbólicas por natureza, teriam, na sua organização espacial escrita, um valor icônico na medida em que representassem por “semelhança” os seus objetos.

A estrutura tipográfica de qualquer livro com sua subdivisão em capítulos e parágrafos e até em frases e outros segmentos indicados pela pontuação e pelo espaçamento constitui um diagrama das relações estruturais do texto. (2003, p.101)

Em relação aos diagramas sintagmáticos, o autor usa como exemplo a narrativa tradicional onde “a ordem das proposições textuais corresponde à ‘ordem natural’ dos eventos representados pelo texto.” (2003, p.102.). Já os diagramas paradigmáticos determinam a iconicidade das palavras por sua apresentação estrutural espacial. O autor usa como exemplo as palavras alto, mais alto e altíssimo, no qual “o aumento quantitativo no número das sílabas no paradigma lingüístico corresponde ao aumento quantitativo no âmbito cognitivo.” (2003, p.103)

⁸² Umberto Eco (1976, p.2, grifos do autor), ao propor uma diferenciação entre a **semiótica da significação** e a **semiótica da comunicação**, estabelece que o processo de comunicação se dá quando “as possibilidades de um sistema de significação são utilizadas para produzir **fisicamente** expressões, e para diversos fins práticos”. Assim, como veículo de informações, os signos analisados nas Bíblias fariam parte da semiótica da comunicação.



Figura 71 . Exemplo onde a letra ganha valor de ícone.

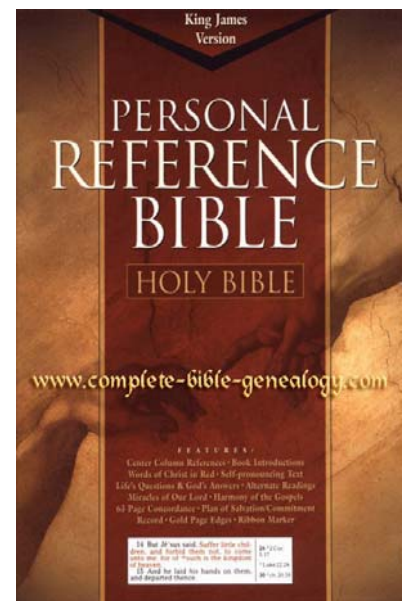


Figura 72 . O designer “diagrama” o texto segundo a ordem de leitura que reproduz a fala. Do mesmo modo, o tamanho e a cor são algumas das metáforas de intensidade nessa mesma fala.

Embora seja natural a idéia de que a narrativa literária se desenvolva a partir da leitura linear de códigos lingüísticos, no caso da estrutura hipertextual, ela ultrapassa essa dimensão em direção à leitura da composição gráfica espacial desses códigos, assim como dos demais elementos gráficos que participam dessa estruturação.

No caso do discurso narrativo, Silvana Monteiro (2000, p.24) destaca que “seu roteiro subjacente de situação / conflito / resolução, bem como seu plano lingüístico, de marcação temporal desses eventos, pode subverter a ordem da linearidade”. Esse roteiro, que na leitura linear impressa, segue visualmente a seqüência dos acontecimentos, ao ganhar os contornos da hipertextualidade a sua não-linearidade é induzida a assumir graficamente a mesma estrutura espacial, não-linear.

Assim, como visto anteriormente, uma página impressa que se proponha a induzir à leitura hipertextual, invariavelmente irá conduzir visualmente o leitor – através de sua diagramação textual ou da inserção de elementos visuais não-verbais – a outros modos de leitura que saiam da linearidade tradicional, representada graficamente pelas letras em seqüência da página. A mudança para o formato código foi um dos primeiros recursos gráficos a ser usado para a leitura não-linear. A possibilidade de alternância entre as páginas permitiu saltar entre as diversas páginas da narrativa, quando induzidos pelo autor. Assim é o livro imaginado por Luis Borges (1941) em “O jardim dos caminhos que se bifurcam”⁸³ e realizado por Júlio Cortázar em o “Jogo da amarelinha” (cf. p.78). Outros recursos dispõem-se na própria diagramação, como o exemplo de “Tristram Shandy” (cf. p.120).

No caso da Bíblia Sagrada, a transposição de seu corpo textual ao ambiente digital poderia ocorrer de forma a buscar-se uma iconicidade na representação mimética de suas formas, como mostra o exemplo da Figura 60. Essa representação como ícone imagético é, no entanto, superada por sua representação icônica diagramática. Assim, as relações entre as partes da estrutura da narrativa se dão num nível de secundidade na iconicidade, onde há uma relação concreta entre as partes do objeto representado. O que acontece, portanto, em função da hipertextualidade intrínseca àquele formato impresso é a transposição da estrutura diagramática dos elementos gráficos.

Na página digital publicada pela SBB, a divisão em versículos sugere a fragmentação do texto em pequenas unidades semânticas. Essa quebra vai além das possibilidades descritas por Nöth (2003) em relação às separações de palavras e marcações no texto escrito. Aqui, a divisão em versículos repete a forma da Bíblia impressa e, do mesmo modo, representa, no nível icônico, a possibilidade de quebra na linearidade da narrativa, uma vez que cada uma ga-

⁸³ Conto em que o chinês Ts'ui Pên cria um livro-labirinto onde cada página pode ser lida em seqüência alternada, num movimento que tende ao infinito.

nha certa autonomia semântica. No hipertexto digital, esses versículos são as lexias mínimas da página identificadas como os elementos da narrativa segundo Rhodes (1998)⁸⁴.

A divisão em colunas, que no texto impresso proporciona maior uniformidade aos versículos em função do aumento no número de linhas, não se repete na versão digital, onde a pontualidade de cada versículo acaba por sobressair-se.

A flexibilidade do texto no suporte eletrônico permite, no entanto, que essa apresentação assuma outro formato. Nele, a divisão em versículos permanece, mas já não mais apresentada linha por linha como no seu par impresso. Aqui, a divisão é feita pelos parágrafos naturais do texto, sendo as marcações dos versículos indicadas de modo sutil pelos números ao lado das palavras que os introduzem (do mesmo modo como aparecem nas edições impressas da Bíblia católica).

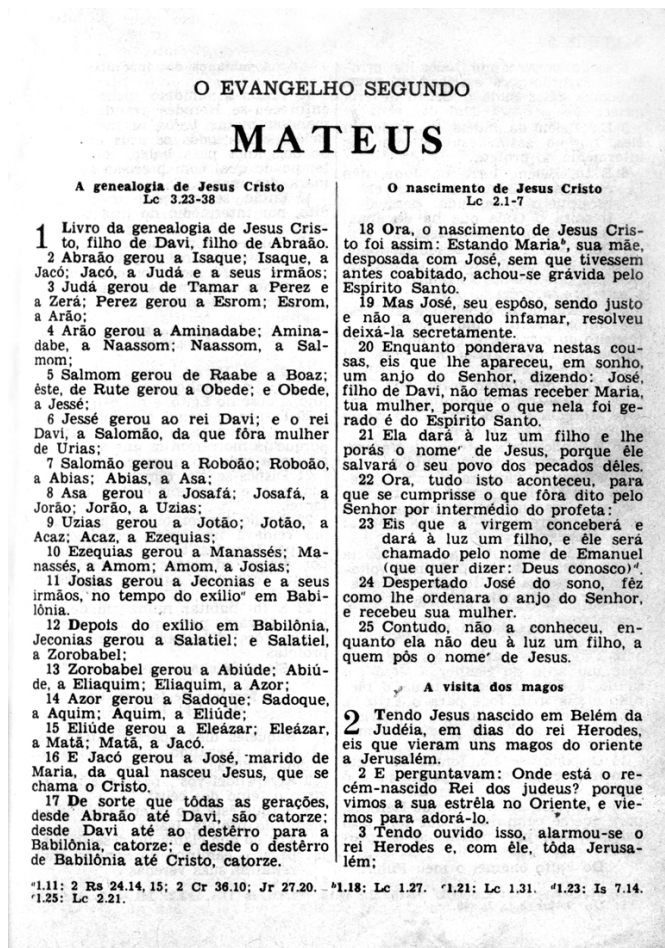


Figura 73 . Página de abertura do livro de Mateus. Bíblia Sagrada, SBB

⁸⁴ Cf. 3.2.2.2.

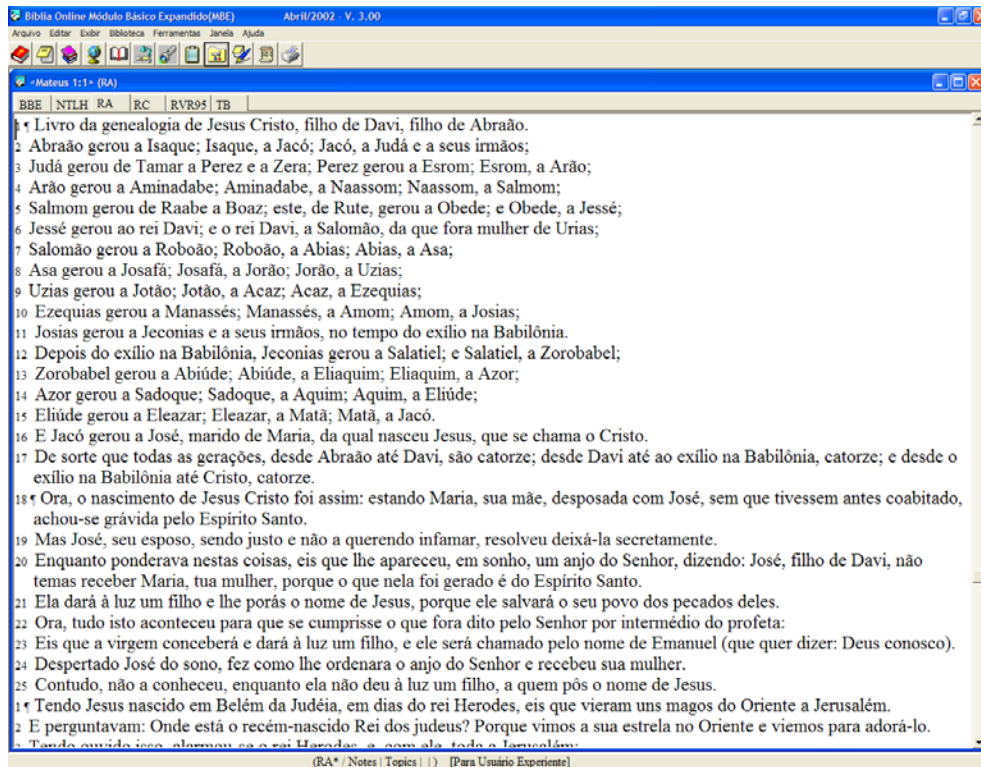


Figura 74 . Página do livro de Mateus 1,1 da Bíblia On-line (SBB) com o texto dividido em versículos.

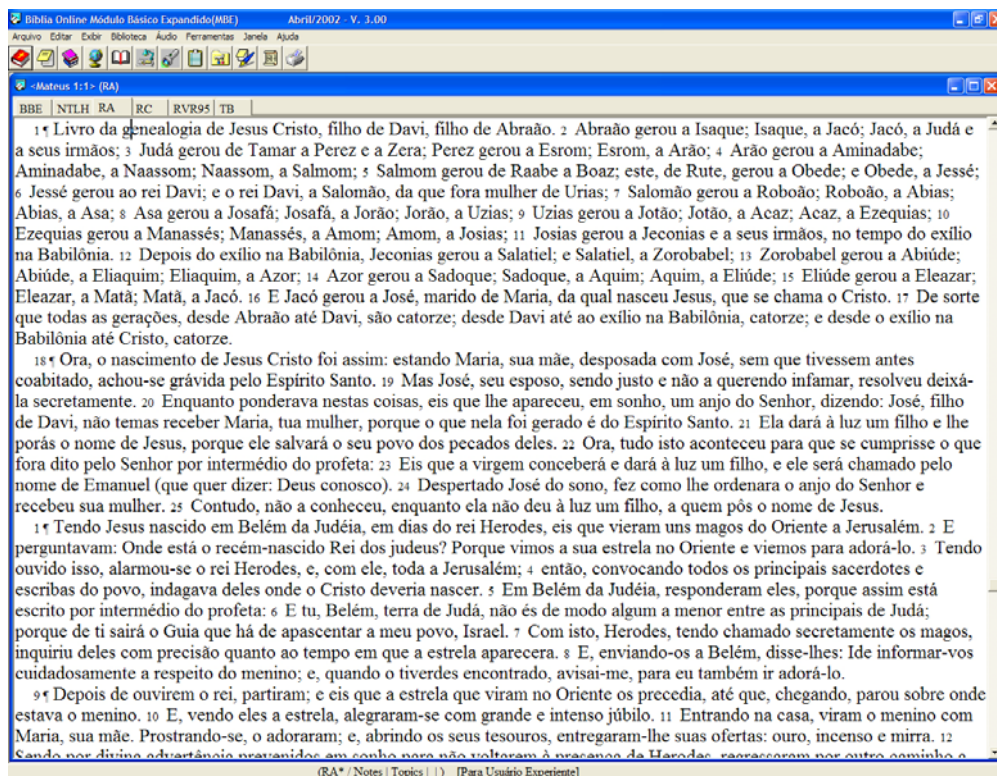


Figura 75 . Mesma passagem com os textos divididos em parágrafos.

Nesse último exemplo, a não-linearidade que a divisão em versículos da apresentação anterior destaca não se repete. Assim, tem-se uma tentativa de retorno à linearidade da narrativa original (antes da divisão em versículos), o que tira-lhe a iconicidade diagramática da hipertextualidade da narrativa sagrada. Do ponto de vista de um suporte digital, a única justificativa para essa apresentação recai na tentativa de convidar o leitor a seguir o texto segundo a sua linearidade.

Em relação à forma apresentada na Bíblia Thompson digital (Figura 76), a estrutura não-linear é bastante reforçada por sua diagramação que traz os versículos situados em quadros distintos. O valor de unidade semântica de cada versículo ganha ainda maior reforço aqui, uma vez que na lateral direita de cada quadro encontram-se referências bíblicas que auxiliam na exegese do texto. Isso, do ponto de vista da leitura hipertextual, reforça a existência de pequenas lexias. Suas inter-relações lineares ou não-lineares podem determinar vários sentidos na narrativa.

Por sua vez, as referências situadas ao lado dos versículos são ícones das conjunções⁸⁵ entre os elementos. Eles funcionam como as pausas na narrativa, de natureza reflexiva, que direcionam a sua construção hipertextual (Cf. 4.5.).



Figura 76. Página do livro de Mateus, Bíblia Thompson impressa.

⁸⁵ Cf. 3.2.2.3.

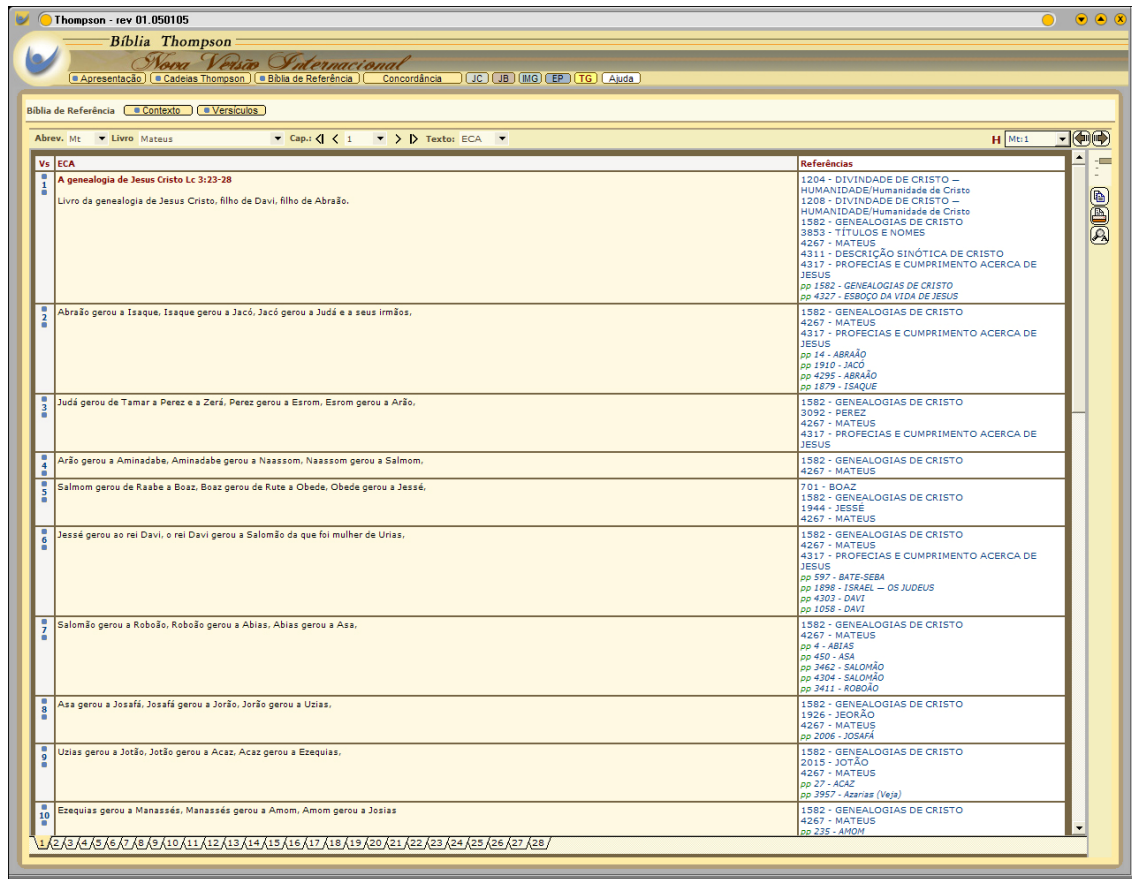


Figura 77 . Página do livro de Mateus. Bíblia Thompson cd-rom.

A representação impressa de Thompson (Figura 76) no entanto, é bem menos fragmentada, tanto pela manutenção da divisão em colunas quanto pela seqüência mais uniforme dos versículos. Isso, do ponto de vista icônico, propõe uma relação de maior linearidade, ainda que a separação dos versículos também esteja presente e os mesmos distribuídos por linhas. Houve, portanto, na transposição ao digital dessa versão, um salto quanto à natureza hipertextual da narrativa bíblica.

Um outro modo que o formato impresso encontrou de propor uma hipertextualidade através da representação icônica na diagramação foi a diferenciação semântica em alguns versículos. Nos exemplos a seguir (Figuras 78 e 79), é possível notar que, no trecho em que se refere à alguma passagem das Escrituras – numa metanarrativa – há uma diferenciação da diagramação feita através de um recuo do texto. Ao contrário do que possa parecer, esse recuo não representa a fala de alguém específico, como acontece em algumas narrativas seculares. A referência é especificamente a um texto bíblico que, no caso das figuras, é uma profecia anterior ao fato ocorrido. A diferenciação feita através desse recuo é um ícone metafórico do texto Bíblico inscrito na narrativa da própria Bíblia e terá a função de destacar os elementos indicados no capítulo anterior⁸⁶

⁸⁶ Cf. 3.2.2.2.

Em nenhuma das versões digitais analisadas esse recurso foi utilizado, o que na verdade é uma perda, uma vez que os recursos eletrônicos permitiriam que, através de um *hiperlink*, o leitor fosse conduzido pelo toque do mouse ao contexto original da passagem.

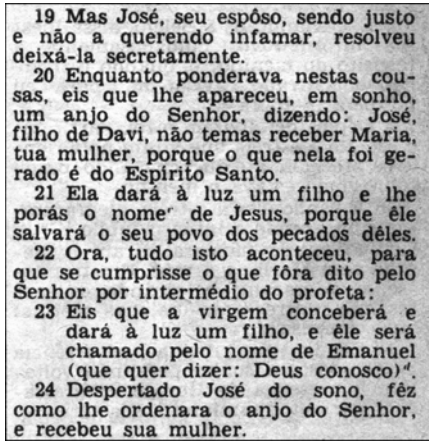


Figura 78 . Detalhe da página em que mostra o recuo dado à reprodução da profecia, enquanto a fala do anjo permanece na mesma representação dos demais versículos.

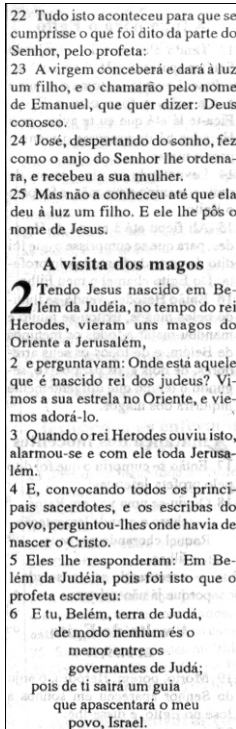


Figura 79 . Detalhe que mostra o recuo na passagem 2,6 na Bíblia Thompson⁸⁷.

⁸⁷ Estranhamente, na versão Thompson isso não acontece no versículo 23. Não conseguimos descobrir o motivo, uma vez que em todas as outras referências às escrituras a diferenciação se repete.

Outro elemento gráfico que iconicamente representa a quebra na linearidade da narrativa é a divisão em capítulos. Nesse caso, essas divisões encerram unidades narrativas (lexias) maiores. Nas páginas impressas das duas edições analisadas, essa divisão possui uma demarcação bastante visível através de três recursos gráficos. O primeiro é a distância entre o fim de um capítulo e o próximo. O segundo é o número que identifica o capítulo, que se apresenta em destaque pelo seu tamanho. Por fim, aparecem os títulos dos capítulos. Sua presença marca uma quebra sensível na linearidade, uma vez que ela determina não somente uma pausa, mas também é um indicativo do conteúdo da passagem seguinte.

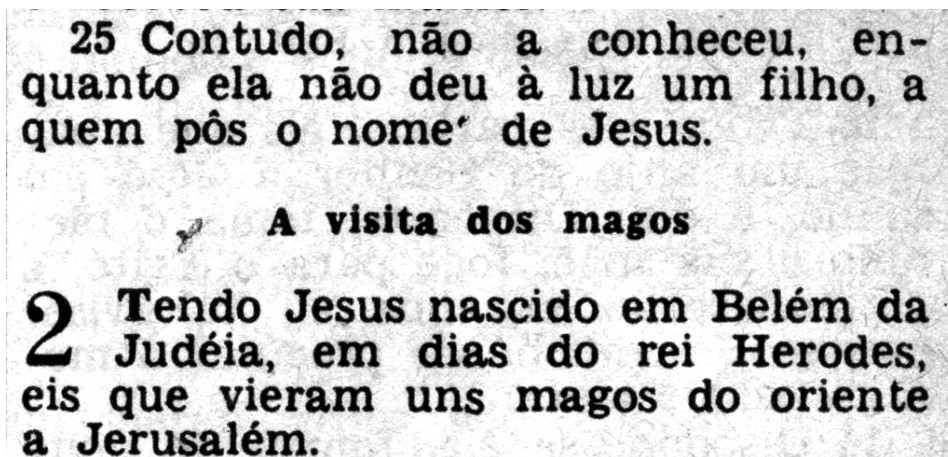


Figura 80 . Detalhe que mostra a mudança de capítulos na versão impressa.

As versões digitais, por sua vez, possuem modos diferentes de relacionar-se com essas divisões. A Bíblia On-line apresenta uma sutil marcação através do símbolo de parágrafo (§) no começo de cada seção que, na verdade, representa apenas a mudança de parágrafo que acontece também em outros trechos. Não há, portanto, elemento indicativo específico para a mudança de capítulos, exceto pela indicação no alto da janela que mostra o endereço da página lida. Porém, sua notoriedade é bastante comprometida para que sirva de referencial. Quando apresentada em modo de parágrafo, onde os versículos são apresentados em linhas contínuas, o que se tem é uma mancha de texto linear e extensa. As fragmentações que caracterizam a identificação das lexias praticamente desaparecem, tornando o texto a reprodução de um discurso contínuo. A opção gráfica nessa versão afasta a idéia de hipertextualidade na medida em que o usuário não possui elementos para buscar as leituras paralelas que a caracterizam.

- 17 De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio e ao exílio na Babilônia até Cristo, catorze.
- 18 ¶ Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, se achou-se grávida pelo Espírito Santo.
- 19 Mas José, seu esposo, sendo justo e não querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente.

Figura 81 . Detalhe que mostra a mudança de capítulos na versão digital da SBB.

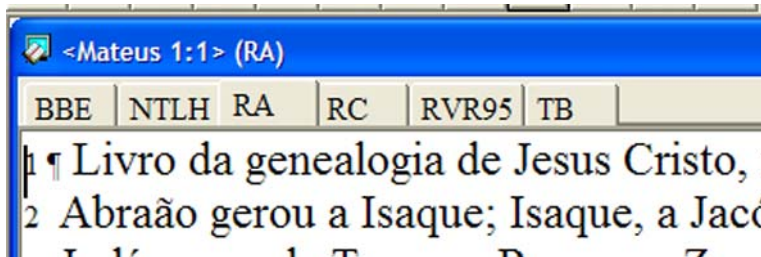


Figura 82 . Detalhe da indicação de endereço na página.

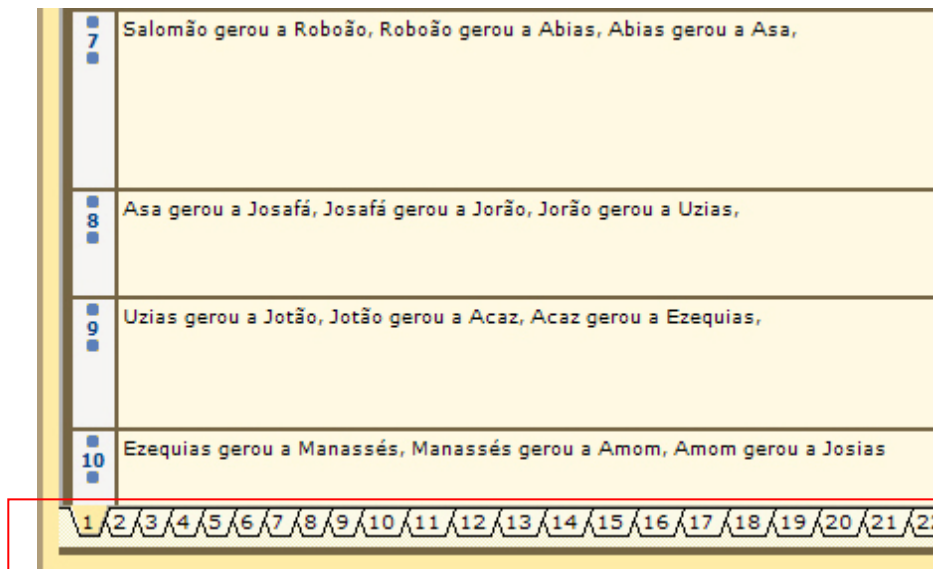


Figura 83 . Detalhe da versão digital Thompson. Cada aba na parte inferior refere-se aos capítulos.

A versão digital da Thompson já propõe uma quebra mais acentuada. Cada capítulo corresponde a uma lexia maior, que no ambiente digital da Bíblia será o equivalente a uma página do site. Ela não sustenta, desse modo, a idéia de continuidade do texto nem mesmo pela seqüência numérica dos capítulos, uma vez que suas indicações são totalmente externas ao texto, funcionando como abas que levam às diferentes páginas. Ao contrário da versão SBB, essa ainda apresenta os títulos de abertura dos capítulos, determinando à princípio a natureza exegética do texto.

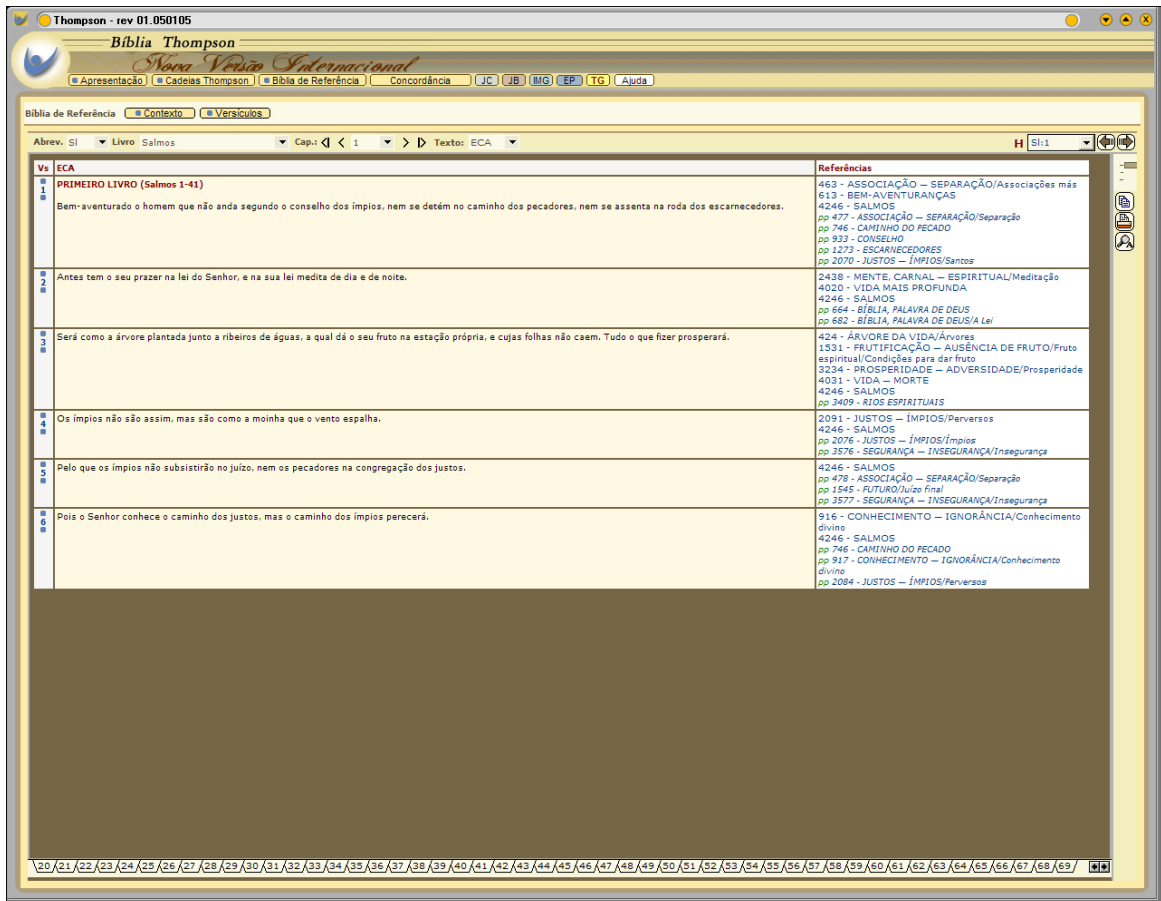


Figura 84 . Na versão digital, o fim do capítulo não é continuado pelo próximo.

É possível perceber que ambas as versões analisadas possuem aspectos gráficos que conduzem à melhor assimilação quanto à estrutura narrativa hipertextual da Bíblia. Muitas dessas poderiam se complementar se o objetivo fosse buscar a integralidade nessas representações. Naturalmente, a carência de um elemento não anula a importância do que está presente. Assim, mesmo que em alguns momentos a idéia de Bíblia esteja fragilizada em um determinado aspecto da leitura, ela é compensada em outro momento e, naturalmente, pela própria identificação do usuário ao longo de seu contato com o objeto.

4.5. Pelos seus frutos os conhecereis: representações indiciáticas

As palavras de Jesus usadas nesse título esclarecem bastante sobre a natureza do signo enquanto índice. As árvores boas dão bons frutos. Ora, os frutos são índices das árvores. Elas estabelecem, como categorias da secundidade, uma relação de contigüidade, propondo a sua manifestação real. Se há frutos é porque há árvore. Se os frutos são bons, a árvore é boa. W. Nöth (2003, p.82) destaca que “tais rela-

ções têm, principalmente, o caráter de causalidade, espacialidade e temporalidade”. O primeiro caso é representado pela relação entre a qualidade da árvore e do fruto, sendo o segundo o efeito da primeira. Quanto à temporalidade tem-se o exemplo da árvore vazia que indica uma posterioridade à queda das frutas ou uma anterioridade ao nascimento dessas. Já o caráter de espacialidade é o encontrado na indicação de um lugar quando, por exemplo, as frutas no chão indicam a árvore acima.

O índice é o signo experimentado, vivenciado pelo intérprete. Referente ao segundo correlato da tríade peirciana, o índice gera a objetivação da interpretação, pois manifesta concretamente o objeto representado. As manifestações indiciáticas na Bíblia digital são responsáveis pela identificação tanto de realidade do seu objeto dinâmico quanto pela relação de contigüidade entre esse e o seu signo.

Na linguagem verbal, o índice apresenta o caráter de espacialidade enquanto representação dos nomes próprios e pronomes, na medida em que indicam indivíduos particulares, singulares. Ao analisar o conto de Lewis Carol, “Alice no País das Maravilhas”, W. Nöth (2003) apresenta exemplos em que a estrutura narrativa é comprometida pelo que ele chama de “índices de desorientação”. Esses seriam pronomes que, de acordo com sua posição na estrutura sintagmática do texto, poderiam confundir a interpretação da narrativa. Apesar de se tratar de estrutura que reproduz uma comunicação essencialmente verbal, as análises a seguir demonstram como os índices se expressam, não somente no caráter de espacialidade mas também no de causalidade e temporalidade na Bíblia digital.

A Palavra de Deus é eterna. Ela não pode ser fisicamente contida na sua totalidade, apenas uma de suas partes é possível conhecer. A não-totalidade representada pela estrutura gráfica da Bíblia digital indica essa abertura da “Palavra”. Cada leitura é uma nova construção da narrativa que se estende enquanto o leitor tiver o texto ao alcance dos olhos. Ela é parte de um todo que é a própria voz de Deus. Na medida em que, no formato digital, não é possível reconhecer onde começa ou termina a narrativa, o usuário percebe uma possível infinitude que “indica” que é a presença de Deus que orienta o começo e o fim da leitura.

Enquanto a idéia de totalidade na Bíblia impressa é reprimida pela configuração física do Livro, onde as páginas estão contidas entre as duas capas, no digital ela é totalmente representada pela ausência dessas fronteiras físicas. No caso da Bíblia digital da SBB, porém, ainda que aparentemente inexistentes, essas fronteiras são destacadas pela presença de um recurso eletrônico que possui valor indiciático de totalidade: a barra de rolagem.

A breve ilusão de um texto sem fronteiras se dá na medida em que, nessa versão da Bíblia, o mesmo é apresentado horizontalmente, sem qualquer interrupção entre os livros. Mesmo a mudança de capítulos acontece de modo bastante sutil, dando a impressão de um texto que irá se desenrolar indefinidamente. Somente a indicação na barra su-

perior da janela dá alguma pista da posição na página, mas essa não chega a interromper a totalidade já que a ordem arbitrária dos livros não segue qualquer orientação hierárquica convencional (alfabética, numérica etc). No entanto, o mecanismo responsável pela passagem dos textos é o mesmo que denuncia a totalidade do livro.

A barra de rolagem indica a totalidade do mesmo modo que representa o posicionamento do leitor no livro. Isso não elimina a totalidade simbólica apontada em 3.2.2.1, mas do ponto de vista da apresentação digital é funcionalmente mais problemática do que a própria versão impressa. Isso porque o tamanho da barra de rolagem não corresponde à medida do livro. A navegação por ela acaba sendo totalmente imprecisa, uma vez que os textos dão saltos enormes com apenas movimentos sutis na barra.

A Bíblia Thompson digital representa indicialmente a não-totalidade do hipertexto de forma muito mais adequada, pois a apresentação fragmentada dos capítulos (Figura 77) e a passagem pontual dos mesmos eliminam aquelas fronteiras que marcam o começo e o fim do livro. Nesse caso, o Livros dos Salmos, cuja indicação se situa na metade da barra (Figura 84), na versão Thompson digital pode estar tanto no começo quanto no fim da Bíblia. Nesse caso, a ausência do elemento indicativo da posição no texto é o índice da não-totalidade do livro no ambiente digital.

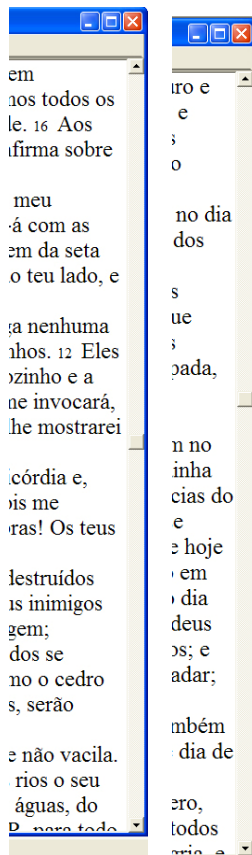


Figura 85 . A barra da esquerda representa o meio do livro dos Salmos, enquanto a outra, o livro de Ester. O breve intervalo entre as duas compreende todo o livro de Jó e o começo dos Salmos.

Vs. ECA	Referências
Os holocaustos Chama o Senhor a Moisés e, da tenda da congregação, lhe diz:	870 - COMUNHÃO – ALIENACÃO/Comunhão divina jo 949 - EUCRISTO – EUCRISTO/Verbo divino
Tira as filhas de Israel, e dir-lhes: Quando algum de vós apresentar oferta ao Senhor, tiras as vossas ofertas de gado ou de ovelhas.	4229 - LEVÍTICO jo 286 - ANUALIS/tema jo 11 22 18
De a sua oferta for holocausto de gado, oferecerá ele um macho sem defeito. A entrada da tenda da congregação o oferecerá, para que ache favor perante o Senhor.	4229 - LEVÍTICO jo 286 - OFERTAS jo 286 - OFERTAS jo 292 - SEM MANCHA
Tirá a mão sobre a cabeça do holocausto, para que este seja aceite a favor dele, para a sua expiação.	1863 - IMPOSIÇÃO DE MÃOS 2865 - OFERTAS 4229 - LEVÍTICO jo 295 - EXPECTATIVA – DESAPONTAMENTO/Esperança
Depois degitará o novilho perante o Senhor, e os filhos de Arão, os sacerdotes, oferecerão o sangue, e o espargirão em redor sobre o altar que está diante da entrada da tenda da congregação.	4229 - LEVÍTICO jo 296 - ANUALIS/tema jo 299 - SANGUE
Então esfolará o holocausto, e o partirá nos seus pedaços.	4229 - LEVÍTICO jo 286 - OFERTAS
Os filhos de Arão, os sacerdotes, porão fogo sobre o altar, colocando em ordem a lenha sobre o fogo.	4229 - LEVÍTICO jo 212 - ALTARES
Também os filhos de Arão, os sacerdotes, porão em ordem os pedaços, a cabeça e a gordura sobre a lenha que está no fogo em cima do altar.	1610 - GORDURA 4229 - LEVÍTICO
A fressura, porém, e as pernas, ele as lavará com água, e o sacerdote queimará tudo isto sobre o altar. É holocausto, oferta queimada, de chero suave ao Senhor.	824 - CHERO SUAVE (1) 4229 - LEVÍTICO jo 286 - OFERTAS
De a sua oferta for de gado miúdo, de ovelhas ou de cabritos, para holocausto, oferecerá macho sem defeito.	jo 278 - ANUALIS/tema jo 299 - ANUALIS/tema jo 292 - SEM MANCHA
Ele o degitará ao lado do altar que dá para o norte, perante o Senhor, e os filhos de Arão, os sacerdotes, espargirão o seu sangue em redor sobre o altar.	jo 299 - SANGUE
Depois ele o partirá nos seus pedaços, como também a sua cabeça e o seu redelho, e o sacerdote os porá em ordem sobre a lenha que está no fogo sobre o altar.	4229 - LEVÍTICO jo 286 - OFERTAS
Porém a fressura e as pernas lavarão-as com água, e o sacerdote tudo oferecerá, e o queimará sobre o altar. É holocausto, oferta queimada, de chero suave ao Senhor.	jo 824 - CHERO SUAVE (2) jo 286 - OFERTAS
De a sua oferta ao Senhor for holocausto de aves, tirará a sua oferta de rufos ou de pombinhos.	1536 - AVES/aves novas 542 - AVES/Suas novas
O sacerdote a trará ao altar, torcer-lhe-á o pescoço, e a queimará sobre o altar; espremerá o seu sangue na parede do altar.	jo 299 - SANGUE
Tirá o seu peso com as suas penas, e o lançará junto ao altar, para a lado do oriente, no lugar da cinza.	jo 824 - CHERO SUAVE (2) jo 286 - OFERTAS jo 11 22 18
Tirá o seu peso com as suas penas, e o sacerdote a queimará em cima do altar sobre a lenha que está no fogo. É holocausto, oferta queimada de chero suave ao Senhor.	jo 824 - CHERO SUAVE (2) jo 286 - OFERTAS jo 11 22 18

Figura 86 . Entre uma página do livro de Levítico e uma de Josué (abaixo) não há qualquer elemento que indique alguma relação espacial entre elas.

Vs. ECA	Referências
Deus chama a Josué Depois da morte de Moisés, servo do Senhor, disse o Senhor a Josué, filho de Num, servidor de Moisés:	4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 2019 - JOSUE 04 4038 - VIDA – MORTE/Morte jo 4200 - JOSUE jo 2817 - SERVO DE DEUS
Moisés, meu servo, é morto. Levanta-te agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel.	2957 - ORIENTAÇÃO/Orientação divina 4232 - JOSUE 4300 - JOSUE jo 586 - BATALHA DA VIDA/Prática divina jo 2817 - TERRA DE CANAÃ/Terra divina jo 1139 - OPERAÇÃO – DESENVOLVIMENTO/Progresso espiritual
Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como prometia a Moisés.	4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 942 - FIDELIDADE – INFIDELIDADE/Fidelidade divina jo 1676 - HERANÇA/Herança terrena jo 11 22 24
Desde o deserto e do Líbano, até o grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos hebreus, e até o grande mar para o poente, será o vosso termo.	2316 - MAR GRANDE 4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 2351 - LUZ
Ninguém te poderá resistir, todos os dias da tua vida. Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei, nem te desampararei.	231 - AMIZADE – INVIDEZA 378 - BATALHA DA VIDA/Morte antigas 4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 875 - COMPROMISSO – ALIENAÇÃO
Esforça-te, e tem bom ânimo, porque tu foras a este povo herdar a terra que juré a seus pais lhes dar.	1963 - CORAGEM – TERROR/Coragem 1878 - HERANÇA/Herança terrena 4232 - JOSUE 4300 - JOSUE jo 961 - BATALHA DA VIDA/Prática espiritual
Tê- somente esforça-te, e sé muito corajoso. Cuida em fazer conforme toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvias, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares.	948 - CONSTÂNCIA – INCONSTÂNCIA/Constância 4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 499 - BÍBLIA, PALAVRA DE DEUS/Manifestação central 1964 jo 942 - CONSTÂNCIA – INCONSTÂNCIA/Constância jo 1992 - DESCOMUNHAMENTO – ENGANO/ENGANO jo 2170 - REVELAÇÃO jo 2234 - PROPRIEDADE – ADVERSIDADE/Propriedade
Não se apante da tua boca o livro desta lei; medita nela dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo o que nele está escrito. Então faze preparar o teu caminho, e serás bem-sucedido.	646 - BÍBLIA, PALAVRA DE DEUS 1285 - LIVRO DE DEUS 2437 - MENTE, CARNEAL – ESPIRITUAL/Interação 2864 - OBEDIÊNCIA – DESOBEDIÊNCIA/Obediência 4232 - JOSUE 4202 - JOSUE 4302 - VERTECULOS PARA MEMORIZAR jo 402 - MENTE, CARNEAL – ESPIRITUAL jo 2234 - PROPRIEDADE – ADVERSIDADE/Propriedade
Não te mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo. Não pasases, nem te esgares, porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares.	4232 - JOSUE 4202 - JOSUE jo 961 - BATALHA DA VIDA/Prática espiritual jo 875 - COMPROMISSO – ALIENAÇÃO jo 1992 - DESCOMUNHAMENTO – ENGANO/ENGANO
Então Josué ordenou aos oficiais do povo:	4232 - JOSUE 4300 - JOSUE

Figura 87 . Página do livro de Josué.

A Palavra de Deus é dinâmica. A eternidade se manifesta pela fala adequada a cada momento. No texto sagrado, a não-totalidade também ocorre em função das possíveis reconstruções da narrativa orientadas pelas situações específicas de leitura. As exegeses que determinaram modos de interpretação do texto proporcionaram os caminhos para leituras que se abrem rizomaticamente, onde os nós são as conjunções da narrativa e se apresentam graficamente como referências, concordâncias e glosas dos textos. Os índices tomam a relação de causalidade em que uma leitura é consequência do contexto tomado da anterior. Na linguagem digital, esses elementos que representam signos indicíaticos são reconhecidos como links, visto que estabelecem, por indicação, as conexões entre as lexias.

Na edição digital Thompson, as concordâncias apresentam-se numa coluna específica à esquerda de cada versículo. Cada concordância, de natureza temática, direciona a uma série de referências a diversas páginas da Bíblia. Assim, como no seu par impresso, a versão Thompson não insere os índices nas palavras, mas o faz indiretamente pelas concordâncias.

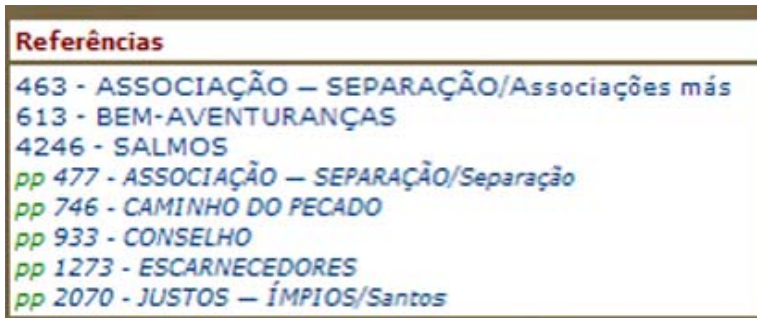


Figura 88 . Lista de concordâncias do primeiro versículo dos Salmos.



Figura 89 . Ao clicar-se, por exemplo, na concordância 4246, referente ao livro de Salmos, é aberta uma janela flutuante com glosas sobre a palavra e uma lista de referências ordenadas tematicamente.

O destaque dado aos indicativos das conjunções não somente intensificam o valor semântico de cada versículo como também deixa exposta a forma de leitura fragmentada, e a hipertextualidade é bastante induzida. Por se tratar de uma Bíblia predominantemente de estudos, a intenção é justamente provocar leituras paralelas para as diversas construções narrativas que a exegese bíblica pré-determinou.

Na Bíblia On-line da SBB, as conjunções apresentam-se de dois modos distintos. O primeiro segue o modelo da versão impressa, em que o índice é inserido no corpo do texto. No entanto, ao contrário daquela que usa um elemento externo, o índice nesse caso é a palavra referenciada. Desse modo, o recurso digital permite que a própria palavra indique outra passagem, basta que, para isso, o usuário clique sobre a mesma. Uma janela flutuante será aberta, no modelo da versão Thompson, com um comentário e uma indicação de referência.

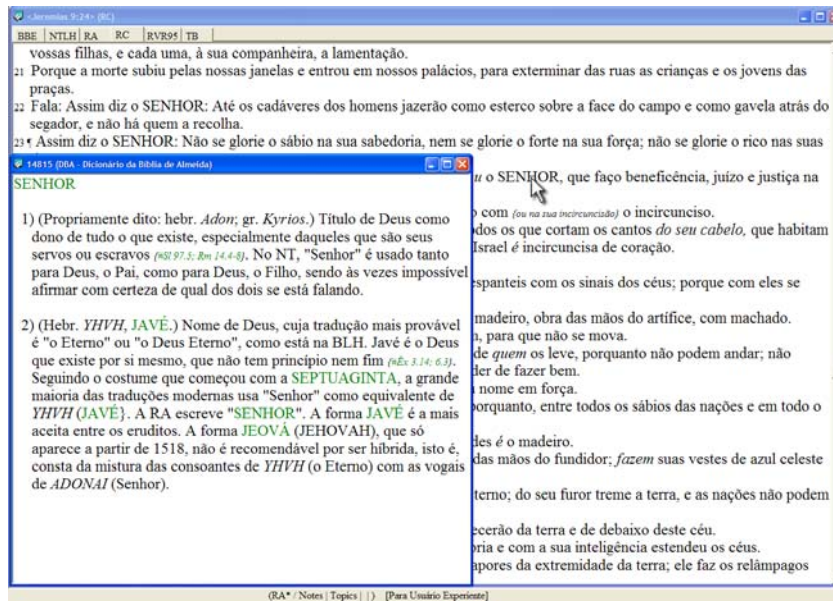


Figura 90 . O clique do mouse sobre a palavra Senhor abre uma janela flutuante com comentários e referências em outros livros.

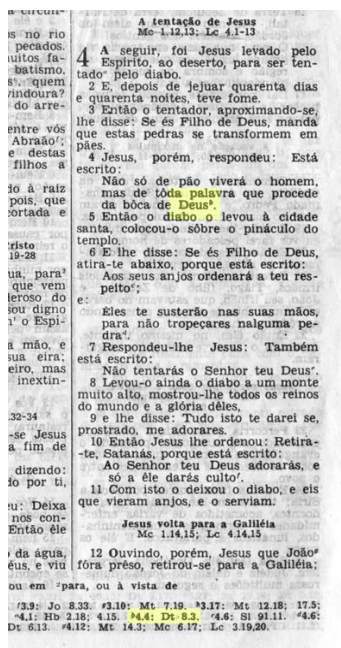


Figura 91 . Na versão impressa, uma letra indica uma tabela de referências que direciona a outras passagens.

Um outro índice encontra-se na opção “referências cruzadas”. Aqui, um modo de leitura típico do códice ganha espaço no meio digital que é a leitura paralela. O mesmo é acionado quando, tendo-se selecionado o versículo, o usuário através do menu “exibir” seleciona a opção desejada. O conteúdo da janela é uma série de passagens que possuem relação com o versículo escolhido. É possível que, a partir da janela de referências cruzadas, o leitor possa caminhar de outras referências para diversas passagens distintas, desenvolvendo uma rede como a exposta em 3.2.2.4.

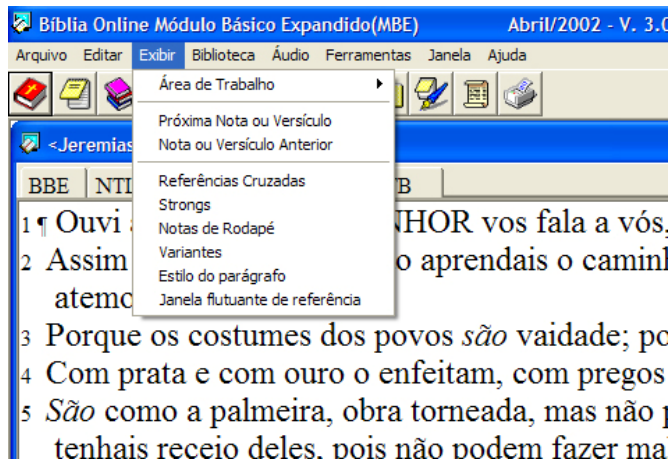


Figura 92 . Janela de opções para a referência cruzada.

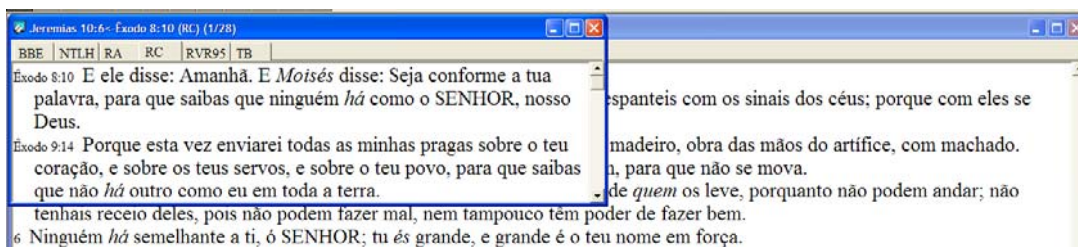


Figura 93 . Referência cruzada sobre o versículo 6. Outros versículos são expostos em janela flutuante permitindo a leitura paralela dos textos.

O modo escolhido pela versão da SBB para representar as conjunções é bastante rico enquanto índice da Palavra de Deus. Ao contrário da Thompson que deixa à mostra seus indicativos, a SBB oculta essas conjunções até que o leitor sinta a necessidade de descobri-las. No caso das palavras/links é interessante o fato de que nem todas as palavras são conectadas a uma janela. Assim, o usuário descobrirá aquelas cuja intenção o oriente para tal. As referências cruzadas, por sua vez, acontecem em todos os versículos, próximo ao modo da Thompson, mas também de modo oculto deixa ao usuário, no momento do seu diálogo com o texto, descobrir a resposta.

A última referência indiciática analisada refere-se ao caráter temporal do índice. Do mesmo modo que a fala se desenvolve no tempo, assim também é a narrativa. A Palavra de Deus é eterna não somente no espaço, mas também

no tempo. Ela se atualiza a cada momento de sua manifestação àquele que se propõe a ouvi-la. Mesmo no impresso, cada leitura somente acontece quando o leitor se propõe a descobrir os textos. Mas sua presença física concreta pode denunciar tempos que se sobrepõem. Mesmo que uma passagem lida em Gênesis seja sucedida por outra em Êxodo, a primeira continua à mão do leitor, como se ele pudesse “congelar” o momento daquela leitura.

No ambiente virtual essa temporalidade é muito mais fluida. Ainda que se possam abrir janelas para leituras paralelas, não existe um lugar onde elas estejam guardadas senão o próprio momento da sua atualização. Enquanto lê o Êxodo, o livro de Gênesis se foi, podendo voltar ou não. Ele não “está” ali disponível ao acesso concomitante.

Essa representação indiciática, porém, ao contrário das duas anteriores, não pode ser determinada pelo designer através das configurações dos elementos visuais. Na verdade, a temporalidade do digital encontra-se na sua própria natureza de objeto virtual, sem a qual deixaria de existir. O designer/programador apenas desenvolverá, através das linguagens decodificadas pelo software, as linhas que se manifestarão no tempo decorrido na máquina.

4.6.

Assim na Terra como no Céu

São inúmeros os aspectos com os quais o designer gráfico deve cuidar na elaboração dos projetos. Questões referentes à composição visual, ergonomia, aplicabilidade tecnológica, funcionalidade, identidade visual e outras que estão além da interpretação semiótica de sua interface. Esgotar todo o assunto que envolve o design da Bíblia digital demandaria uma abordagem de todos esses parâmetros, o que naturalmente não foi realizado aqui. Uma análise que se proponha a sistematizar qualitativamente todos os aspectos visuais dos projetos estudados exigiria, por sua vez, que essa abordagem ampla tivesse sido feita. Portanto, este trabalho não tem a pretensão de argumentar, sob quaisquer circunstâncias, quais os melhores ou piores caminhos percorridos pelos designers que desenvolveram os projetos acima, nem orientar para melhores soluções gráficas, tendo em vista o limite da análise.

A partir deste estudo, foi possível perceber como a Bíblia no suporte digital encontra, a partir das características hipertextuais que lhes são inerentes, um espaço para vir a ser um objeto com as mesmas conotações, ou até melhores, no sentido da sacralidade, que o suporte anterior. Embora nos exemplos estudados alguns aspectos parecem ainda ser deficientes, sob esse ponto de vista os fatores de assimilação se completam quando analisados em conjunto. Não há dúvida de que os fatores projetuais não avaliados também interferem sensivelmente na estruturação gráfica e, conseqüentemente, na identificação sgnica com o objeto sagrado. Por esse moti-

vo, não é possível aqui propor apontamentos de melhoria para os projetos analisados. Ao perceber as características semânticas que envolvem a produção do Livro Sagrado no ambiente digital, o designer pode reconhecer a importância em projetar produtos gráficos a partir de parâmetros que estejam além do binômio estética-funcionalidade, mas que sustentem a melhor comunicação com o usuário no seu nível simbólico através do entendimento de que sua estrutura é tão importante quanto sua forma.

Outro caminho não percorrido foi o que leva à determinação de sacralidade do formato digital. Assim como no nível sintático, os estudos de caráter gráfico deveriam ser mais aprofundados se quisessem apontar todos os caminhos possíveis. Os fatores pragmáticos que conduzem à percepção do sagrado no objeto exigiriam um aprofundamento em questões extremamente subjetivas e específicas em relação ao usuário. Usuários esses que não se conhece totalmente. A pluralidade que tem se tornado característica do Cristianismo no mundo, particularmente no Brasil, impede uma visão monolítica de usuário cristão. Ao contrário do que possa parecer, é errônea a idéia de que aqueles que têm acesso à Bíblia digital estão munidos do mesmo repertório doutrinário, com variações apenas nos níveis de aprofundamento e abrangência. Há variações na própria natureza das doutrinas que fazem com que a idéia de entender o objeto digital como sagrado seja antecedido pela discussão do que seja sacralidade para esses diversos usuários.

Com essas análises foi dado o primeiro passo em direção à busca de propostas para a melhor adequação de conteúdos intimamente ligados ao meio impresso para os suportes digitais, na medida em que foi possível perceber como a representação gráfica da Bíblia digital se sustenta naquilo que valoriza não a sua forma exterior, mas a estrutura que apresenta suas mensagens.